

Origem e significado do nome Cuiabá

Origin and meaning of the name Cuiabá

*Paulo Pitaluga Costa e Silva*¹

Resumo: Trata o presente artigo de um estudo sobre a palavra Cuiabá. Baseado em documento do século XVIII, mencionando o rio Cuyaverá pelo padre Agustin Castañares, ainda em estudo bibliográfico dessa palavra guarani elaborado por professor em Assunção, Paraguai, e ainda com base em mapas jesuíticos dos séculos XVII e XVIII, é apontado o nome Cuyaverá como advindo da palavra guarani *Kyyavera/Cuyavera*, significando Lontra Brilhante. Através desses mapas é demonstrada a inequívoca existência, no passado remoto, dos índios Cuiabás. É a única explicação sobre a palavra Cuiabá baseada em documento do século XVIII, em etimologia guarani comprovada e ainda em mapas jesuíticos coloniais. Cuiabá vem de Cuyaverá e remotamente de *Kyyavera*, designando o rio da Lontra Brilhante.

Palavras-chave: Cuiabá. Toponímia. Etmologia.

Abstract: It treats the present article of a study on the word Cuiabá. Based on a document from the 18th century, mentioning the Cuyaberá river by Father Agustin Castañares, still in a bibliographic study of this Guarani word elaborated by a professor in Asuncion, Paraguay, and also based on Jesuit maps of the 17th and 18th centuries, Cuyaverá coming from the Guarani word, *Kyyavera / Cuyavera*, meaning Bright Otter. Through these maps is demonstrated the unequivocal existence, in the remote past, of the indians Cuiabás. It is the only explanation of the word Cuiabá based on an eighteenth century document, in proven Guarani etymology and even on colonial Jesuit maps. Cuiabá comes from Cuyaverá and remotely from *Kyyavera*, designating the river of the Bright Otter.

Keywords: Cuiaba. Toponymy. Etmology.

¹ Historiador, advogado e empresário. Sócio do IHGMT e seu ex-presidente.

Introdução

Em um simples correr de olhos por algumas obras acerca da historiografia mato-grossense, notamos que sempre houve certa preocupação por parte de alguns autores em dar o correto ou o pretensamente correto significado do topônimo Cuiabá. Vários cronistas do século XVIII, viajantes do século XIX e historiadores do século XX, somados a filólogos e etimologistas de línguas indígenas, tentaram explicar a origem e dar o significado dessa palavra. Apoiaram-se em lenda e basearam-se em interpretações etimológicas para dar algum suporte insuspeito às suas conclusões. Sustentados por opiniões de dicionaristas e autores de vocabulários de línguas indígenas, com o correr dos séculos, fizeram inumeráveis exercícios de etimologia.

A lenda é uma só, a da cuia que alguém segurava às margens do rio e escapando-lhe a mesma das mãos, ao descer vagorosamente a suave correnteza, gritou - *Cuia-vai*, tal seja, cuia que se vai, que segue descendo pelo rio, ficando fora de seu alcance. Dessa cuia que vai ou *Cuia-vai*, diz a lenda, originou-se o nome *Cuiabá*. Uma história que sobreviveu aos séculos. Mas, autores mais escorreitos e em trabalhos de cunho mais acadêmico e científico, nunca a levaram a sério e sempre a citaram como uma simples historieta infantil.

Além dessa lenda existem notícias bibliográficas muito precisas e surpreendentes em torno da realidade dos índios Cuiabás. A memória sobre esse povo indígena estava muito viva e presente no século XVIII e, com o passar dos tempos, a ideia dessa existência étnica conseguiu firmar-se como história cuiabana. Antonio Pires de Campos, o bandeirante pioneiro do vale do Cuiabá, chegou a contatar esses índios e pôde fazer uma descrição de suas vestes e costumes, registrando alguns dados etnográficos a seu respeito. Joaquim da Costa Siqueira e o padre José Manoel de Siqueira, com base na oralidade transmitida por gerações cuiabanas, ainda no século XVIII, confirmaram a existência dessa tribo. Por

outro lado, outros autores, já no século XX, contestaram com veemência a realidade desses indígenas, não aceitando a sua antiga existência às margens do rio Cuiabá.

Temos também um interessante ponto a ponderar. São inúmeros e sintomáticos os registros inseridos na historiografia mato-grossense, de que a cidade tomou a denominação de Cuiabá a partir do nome primeiro do rio. Esse ponto de vista, confirmado também por uma tradição oral muito forte, vem se mantendo íntegro por séculos, o que contribuiu para a confirmação de sua veracidade. Poucos são os pesquisadores e etimologistas que não aceitam essa assertiva como correta e somente um ou outro autor conseguiu construir algum outro nome para o rio Cuiabá. Dentre essas denominações engendradas apontamos um certo *Ibiraty*, *Pogubo cure*, *Bahá-criêu* e *Ikuiebo*. Mas, os registros históricos que tivemos a oportunidade de pesquisar e neste trabalho transcrever, propugnam pelo posicionamento de que, realmente, a cidade de Cuiabá tomou o seu nome a partir da denominação, já então existente, do rio. Tal seja, primeiro o nome do rio, depois o do arraial cuiabano.

Temos ainda a anotar que são incontáveis as explicações etimológicas para o significado da palavra Cuiabá. Obviamente, foram exaustivos exercícios de semântica relativos à essa palavra, em línguas faladas pelos índios Tupis, Guaranis ou Bororos². Um lugar onde um índio Bororo pescava com uma flecha-arpão, nas margens de um rio, era o *Ikuia-pá*. Os indígenas situados pelos alagados do pantanal eram os Índios das Águas. Temos ainda o *Fazedor de Farinha*, *Mulher Corajosa*, *Gente Caída*, *Garimpeiro*, *Fazedor de Cuia* e vários outros inúmeros significados. Ao todo, vinte e quatro

2 Foi convencionado por indigenistas e antropólogos que o nome de povos indígenas, quando escritos em português, não devem variar em gênero nem em número. Para eles, são os índios Tupi, Guarani, Bororo, no singular. Todavia, essa prática redundava num enorme erro gramatical de concordância nominal em português. Entre a convenção de antropólogos e a correção do vernáculo, preferi ficar com esta. Em bom português, denominei-os de índios Tupis, Guaranis e Bororos, no plural, por achar que o estipulado em uma reunião de indigenistas, não pode se sobrepor às regras gramaticais vernaculares.

diferentes interpretações³ foram oferecidas até agora pelos escritores que, com o correr das décadas, se propuseram a estudar o seu significado. Teoricamente, dentre todas essas interpretações, uma poderia estar até correta, sendo que as demais podem ser consideradas meros exercícios de etimologia realizados por intelectuais e pesquisadores que a isso se dedicaram. Algumas foram propugnadas por filólogos de excepcional gabarito e notório reconhecimento. Mas, convenhamos, não há como comprovarmos que tão somente uma delas seria a correta, a melhor, a perfeita, em detrimento das demais interpretações. Assim, não há como simplesmente escolhermos um dos significados e elegê-lo, premiando-o, assim, como o mais correto e preciso, vez que nenhuma dessas interpretações se destaca das demais para ser considerada a mais verdadeira e irretocável. Todas devem ser igualmente niveladas, já que não existe nada que coloque em especial destaque nenhuma dessas interpretações em particular.

É certo que muitos dos grandes nomes ligados à história mato-grossense inseriram em seus respectivos trabalhos a proposta que julgavam ser a mais adequada e correta explicação para esse significado. Vários historiadores e literatos que se ativeram à história e à literatura de Mato Grosso e Cuiabá entraram nessa temática tão polêmica e nenhum deles saiu sem algum arranhão filológico.

Todavia, devemos elencar outros nomes que adotaram posições opostas a essas, caracterizadas como extremamente cautelosas ou, simplesmente, um sepulcral silêncio a respeito.

Por outro lado, alguns escritores no século XX, sem qualquer base científica nem pesquisa metodológica, muitas vezes sem terem sequer pisado em terras mato-grossenses para melhor conhecer as versões *in loco* correntes, deram interpretações as mais variadas, inusitadas e díspares sobre a origem e o significado desse nome.

3 Ver SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Cuyaverá-Cuiabá, a Lontra Brilhante*. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2010.

Outros autores tão somente repetiram aquilo que viajantes e cronistas mencionaram em épocas seculares, sem se ater ou pesquisar a veracidade histórica do anteriormente citado. Fizeram repetições inexplicáveis de erros anteriores. Acreditamos que os mesmos tiveram apenas uma manifesta indisposição em promover uma pesquisa mais profunda e acurada. Daí o crônico e repetitivo encontrado em alguns trabalhos.

Mas, essas informações foram meras pinceladas e estavam inseridas no seio de trabalhos maiores que, em seu todo, abordavam relatórios, cronologias, viagens, aventuras, geografia, etnografia e a história regional mato-grossense propriamente dita. Nenhum trabalho temático tentando fornecer explicações sobre a palavra Cuiabá havia sido até então produzido.

Existem somente dois artigos específicos sobre o provável significado do termo Cuiabá, publicados nos anos 1980 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Mas, o que poderiam ter sido escorreitas peças de cunho científico, não passaram de um aglomerado inventivo e repetitivo, nada acrescentando ao vazio histórico e à incerteza etimológica em que deságua o tema. O segundo trabalho, ressaltamos, afrontosamente contra o primeiro, causou grande polêmica à época. Mas ambos, infelizmente, não resistem a uma análise crítica mais apurada e refinada.

Em 1992, encontramos inusitada citação em um documento do século XVIII, o já hoje conhecido termo guarani *Cuyaverá*. Na ocasião, fizemos algumas pesquisas e indagações acerca do assunto e pudemos produzir um pequeno artigo publicado em jornal de Cuiabá⁴. O *Cuyaverá* encontrado, de acordo com pesquisa etimológica elaborada por renomado professor paraguaio, significa *Lontra Brilhante*. Para surpresa minha e desespero de alguns outros, com o passar do tempo o termo *Cuyaverá* começou a se consolidar. Uma década depois de publicado o artigo, a ideia lançada criou raízes. Uma hipótese que se transformou natural-

4 SILVA, Paulo Pitaluga Costa e Silva. O nome Cuiabá - Uma explicação ao menos plausível. *Diário de Cuiabá* - 9 de abril de 1993, p. 4.

mente em tese. O *Cuyaverá* tornou-se, mesmo, fruto de uma primeira e ainda incipiente pesquisa, uma explicação muito mais plausível e razoável para a origem e o significado do nome Cuiabá, do que as demais até então conhecidas e produzidas no decorrer dos séculos anteriores. Por isso caiu no crédito de pessoas interessadas.

Hoje, o nome *Cuyaverá* está bastante difundido e aceito como sendo o verdadeiro significado da palavra Cuiabá. Pelo menos o mais provável.

Essa a hipótese preliminar levantada, a ser ora apresentada, induz ao aprofundamento das pesquisas e à comprovação final de uma tese a respeito da origem e do significado da palavra Cuiabá. A tese do *Cuyaverá*.

No entanto, salientamos, essa descoberta foi fruto do mero acaso, proveniente de um achado documental casual e não de uma pesquisa dirigida. Apesar da importância desse novo dado histórico-etimológico, à época, ficamos nesse exato ponto.

Porém, há pouco tempo nos deparamos com um mapa jesuíta impresso na Alemanha, em 1700, apontando claramente a palavra *Cuyaberás*. Essa descoberta ensejou base escoreta à ideia primeira desse significado para o termo pesquisado, além de permitir uma sustentação mais sólida da hipótese então formulada.

O mapa encontrado, por ser fundamental à continuidade da pesquisa, proporcionou condições, estímulo e, principalmente, embasamento científico para um trabalho de melhor porte. Essa peça cartográfica tornou-se o suporte de que necessitávamos para dar continuidade às pesquisas e, assim, comprovar, em tese, a formulação da hipótese do *Cuyaverá*.

Mais três outros mapas jesuíticos, publicados na Alemanha, em 1726 e 1732, e em Roma, em 1732, vieram confirmar as informações registradas no mapa alemão de 1700, mostrando de maneira evidente e incontestável o topônimo *Cuyaberás*. Essas novas peças cartográficas puderam realmente dar ânimo para redobrar os esforços e tentar comprovar com uma tese, a ideia formulada décadas atrás.

No decorrer das pesquisas, encontramos o mapa do cartógrafo espanhol Olmedilla, de 1775, apontando não mais os *Cuyaverás*, mas sim os índios Cuiabás. O mesmo se deu com esboço de um mapa jesuítico de 1747, publicado por Jaime Cortesão, registrando os índios Cuiabás.

Assim, com base nesses estudos e pesquisas, produzimos conclusões que julgamos ser um tanto diferente das demais até agora estudadas e publicadas, por terem, *a priori*, comprovação documental e cartográfica, proporcionando base científica e subsídio correto.

II - Carta do Padre Agustin Castañares

Até há alguns anos, sempre assistimos, com reservas e a devida cautela a essa polêmica acerca do topônimo Cuiabá. Realmente, tal matéria não tinha sido objeto de nossas pesquisas, indagações e preocupações históricas. Podemos dizer que nunca nos interessamos de fato em saber qual a origem, qual o significado dessa palavra; se existiram ou não índios Cuiabás e ainda se o nome foi primeiramente dado ao rio, aos índios e depois à vila de Cuiabá, ou vice-versa. Isso não estava em nossas cogitações e preocupações históricas.

Mas, por uma mera intuição, sempre supusemos que a palavra Cuiabá teria a sua origem na língua guarani e daí ser originária dos índios Paiaguás que, por séculos, percorreram toda a região formada desde o Chaco Paraguai até as partes mais setentrionais de nosso Pantanal. Achávamos que a palavra apenas soava de forma muito parecida com o guarani que constantemente ouvíamos em nossas fronteiras com o Paraguai e, dessa forma, não tinha nada a ver com a língua Bororo. Mas ficamos só nisso.

Todavia, ao pesquisar as penetrações dos conquistadores espanhóis em terras hoje mato-grossenses, bem como a conquista espiritual dos jesuítas no vale do Paraguai, deparamo-nos com um importante documento que, a nosso entender, poderia senão elucidar de vez, ao menos dar uma explicação plausível para o polêmico significado e apontar pistas seguras para a origem da palavra Cuiabá.

Trata-se de uma carta do padre jesuíta Agustín Castañares a D. Rafael de la Moneda, Governador da Província do Paraguai, escrita em Assunção em 16 de setembro de 1741 e transcrita por Jaime Cortesão em sua obra *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*⁵ e ainda na obra *Bandeirantes no Paraguai – Século XVI*⁶.

O que impressiona na biografia do padre Agustín Castañares é a constância de suas viagens navegando pelo rio Paraguai acima, desde Assunção até o ponto do caminho terrestre para a Missão de Chiquitos, o que o tornou um profundo conhecedor dessa imensa região. Necessariamente o lago dos Xaraiés, assim chamado pelos espanhóis da época, é o atual pantanal mato-grossense.

Podemos citar também que, a rigor, no século XVII, havia uma *mea culpa* dos governantes espanhóis em face da administração colonial da Espanha ter simplesmente desamparado a região dos Itatins, os campos da Vacaria, o baixo Paraguai, os *Xarayés* e deixado as Missões Jesuíticas ali instaladas à sua própria sorte. O interesse pela prata dos Andes era bem maior e isso desviou as atenções dos primeiros conquistadores. Houve na ocasião um claro abandono espanhol, configurado basicamente pela não presença militar ostensiva e permanente em determinados pontos estratégico e uma falta de ocupação dos vazios demográficos que poderiam ter sido preenchidos com aglomerados humanos, representados por pequenos arraiais e vilas. Essa falha no modelo e na política de ocupação espanhola permitiu com que os bandeirantes paulistas penetrassem e ocupassem a região que, com o correr dos tempos, acabou se tornando irreversivelmente território português. A região conquistada pela Espanha no século XVI foi perdida definitivamente no século XVIII para Portugal.

5 CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950, v. III, parte II, p. 48.

6 *Bandeirantes no Paraguai – Século XVI*. São Paulo: Arquivo Público Municipal, 1949, p. 441.

A história do Paraguai tem registrado, até mesmo com certa frequência, algumas expedições militares espanholas organizadas com a finalidade de averiguar, espionar, penetrar e até mesmo combater – se fosse o caso – os bandeirantes paulistas que porventura viessem a se encontrar no território reclamado.

Comprova essa preocupação espanhola uma carta do capitão de fragata Juan de la Colina, escrita em Buenos Aires ao Coronel Rafael de la Moneda, Governador e Capitão General da Província do Paraguai, juntando Ordens Reais de Espanha.

Nessa carta, Colina expôs:

[...] estar ocupando los portugueses em território de los domínios de Su Magestad, las minas que llaman de Cuiabá y Guaiazes, [...] que se evite por todos os medios la introducion de portugueses em sus domínios [...] y que se recuperen los que ellos ocuparen [...] y afin de que ejecute las salidas que puedan conducir a contener a los expresados portugueses siempre que los hallare introducidos en los territorios de Su Majestad. (COLINA, Juan de la. 1949, p. 434).

Ao receber esse documento, D. Rafael de la Moneda mandou executar algumas diligências para a constatação do denunciado na carta. As determinações superiores eram claras: evitar novas penetrações de portugueses e retomar os territórios por eles ocupados até então. Essas eram ordens efetivas, uma quase declaração de guerra aos bandeirantes paulistas invasores, visando sua expulsão da região reclamada e a conseqüente ocupação das minas de Cuiabá em favor do reino espanhol.

Foi um episódio até mesmo ignorado por muitos de nossos historiadores regionais. Notamos que essa ameaça de retomada espanhola da vila de Cuiabá, uma única vez foi mencionada nos livros de história regional mato-grossense. Apenas Virgílio Corrêa Filho, dentre os historiadores de Mato Grosso, sempre atento às minudências da história, teve o ensejo de se manifestar com relação a esse exato episódio.

Diante de ordens tão efetivas e drásticas, além das diligências, La Moneda abriu uma espécie de inquérito, onde foram ouvidas testemunhas e anexadas cartas e outras correspondências que se referiam e davam informações sobre as minas de Cuiabá. Depuseram nesse inquérito várias pessoas – oficiais espanhóis, sacerdotes, portugueses, paulistas, índios – que conheceram ou tiveram ensejo de obter dados pormenorizados sobre as minas cuiabanas e que, de alguma forma, estavam então residindo ou de passagem por Assunção.

No transcorrer desse procedimento, foi juntada aos autos do inquérito uma carta do padre Agustin Castañares, jesuíta *misionero*, na qual relatou fatos oriundos de experiências e perambulações anteriores, dando também preciosas informações da região dos Xaraiés e da vila de Cuiabá.

Vamos à carta de Castañares.

Em se analisando o teor desse documento, constatamos uma série de fatos importantes e dados interessantes sobre Cuiabá e ainda as informações requeridas por La Moneda à Castañares.

Repetimos que Don Rafael de la Moneda solicitou algumas informações do jesuíta Castañares, tais como situação de Cuiabá e sua distância de Assunção, bem como as condições efetivas para se expulsar os portugueses das terras por eles ocupadas e que seriam do domínio de Espanha. Não podemos esquecer que, por essa época, valendo o Tratado de Tordesilhas, o atual território mato-grossense seria então inteiramente pertencente ao reino espanhol.

A síntese da carta de Castañares:

A-O jesuíta afirmou que não esteve pessoalmente em Cuiabá, mas obteve informações de índios fugitivos que aí moraram, trabalharam e perambularam pela região.

B-Mencionou também a localização geográfica de Cuiabá em graus geodésicos e estipulou a sua distância até Assunção em 400 léguas pela rota dos rios.

C-Estimou a população de Cuiabá como sendo de oito mil homens, entre brancos, mulatos e mestiços e outros tantos de escravos negros, no entanto, segundo ele, em número difícil de ser apurado com exatidão.

D-Exageradamente inferiu que pelo menos 40 mil homens ali poderiam tomar em armas e por isso seria muito temeroso tentar desalojá-los de Cuiabá. Mencionou também que os espanhóis jamais teriam condições de juntar tantos soldados para combatê-los. Em consequência do fracasso de um possível ataque militar à Cuiabá, os espanhóis incorreriam na perda das suas missões jesuíticas de Chiquitos e Moxos, por estarem localizadas muito próximas das minas de Mato Grosso.

E-Citou ainda ter elaborado em 1738 um outro informe muito mais extenso ao Governador de Santa Cruz de la Sierra, Don Francisco Antonio Argomoza y Cevallos, onde também pôde relatar a situação das minas de Cuiabá ⁷.

F-Registrou que ele próprio se ofereceu à La Mone-da para ir pessoalmente fazer um reconhecimento, não diretamente da vila de Cuiabá, o que achava impossível, mas da região, em seus arraiais menores adjacentes, conquanto fosse designada uma escolta de dois ou três soldados. Mas tal expedição não ocorreu.

G-Referiu, finalmente, que alguns comerciantes de Cuiabá chegaram até a Missão de San Rafael com propostas comerciais e presentes aos jesuítas, mas os padres não aceitaram essas ofertas e ainda castigaram os índios que acompanharam os portugueses até o local. (CASTAÑARES, Agustín apud GANDIA, 1929, p. 1741).

⁷ Isso demonstra a clara preocupação institucional de autoridades espanholas em obter um conhecimento mais profundo e detalhado acerca da ocupação paulista em Mato Grosso e, também, em tentar reaver o território perdido pela intrusão bandeirante em terras castelhanas.

Como se pode observar, a carta é um documento abundante em informações inéditas e minuciosas sobre a vila de Cuiabá, demonstrando preocupações de ordem militar e com a integridade do reino espanhol. Tal seja, uma importante peça histórica mostrando a ótica dos espanhóis com relação à ocupação paulista, haja vista a época em que foi produzida.

A Carta de Castañares é muito importante para um melhor entendimento da visão espanhola sobre a região mato-grossense, no período imediatamente anterior da instituição da Capitania de Mato Grosso. A posição política da Espanha nesse crítico período, nunca foi devidamente pesquisada nem registrada pelos historiadores de Mato Grosso que se ativeram aos primórdios cuiabanos.

Um documento que, só agora, infelizmente, está sendo objeto de estudo um pouco mais acurado.

III - O Cuyaverá

Pelo texto de sua carta, o padre Agustín Castañares legou interessantes informações acerca da vila cuiabana e, em especial, a ideia espanhola de combater os bandeirantes paulistas para arrebatá-la de mãos portuguesas. Ressaltamos que, à época em que o jesuíta escreveu a sua carta, 1741, Cuiabá tinha apenas 22 anos de existência oficial. Realmente aí se vivia intensamente o período de sua ocupação pioneira e a posse portuguesa não estava assim tão consolidada como parecia. A rigor, os limites de fronteira ficaram definidos somente em 1750, com a assinatura do Tratado de Madri, entre as duas Coroas. Mesmo assim, ainda não muito bem acertados.

Mas, por esse tempo estava muito presente na memória castelhana os topônimos usados desde os tempos da penetração espanhola, bem como os da conquista espiritual pelos jesuítas. Do lado espanhol, ainda se empregavam e era uso comum, os termos indígenas, especialmente em língua guarani, para os rios, lagoas, baías, serras e tribos de índios. Essas denominações já vinham sendo utilizadas

pelos indígenas desde tempos imemoriais. Continuaram os conquistadores acatando a maioria dos nomes gentílicos locais e regionais, com que os habitantes primitivos haviam nominado os acidentes geográficos que encontravam. Pouco ou nada os espanhóis mudavam, respeitando o costume e a tradição indígena em relação a essas nomeações.

Por essa razão, o padre Agustin Castañares, em dado momento de sua informação, textualmente mencionou:

Está fundada dicha ciudad, segun tengo entendido, al principio del lago de los Jarayés, yendo de aqui de esta banda del rio en tierra confinante con la de la Assunción, sobre el Arroyo Cuyaverá, que segun el mapa entra del este en el rio Paraguay, y del arroyo tomara la ciudad la denominación de Cuyabá.

Assim o padre Castañares registrou essa palavra, *Cuyaverá*, para designar o nome do rio Cuiabá, enriquecendo sobremaneira a pesquisa em torno da polêmica origem e do significado desse termo, ao utilizar um topônimo até agora desconhecido por historiadores, pesquisadores e etimologistas para nominar o rio. Realmente, essa foi a grande novidade registrada pelo jesuíta.

Em se analisando mais detidamente esse exato trecho da carta, destacamos quatro pontos distintos nessa sua colocação:

1. A dita *cidade* de Cuiabá estava situada nas proximidades do lago dos Xaraiés, hoje denominado pantanal mato-grossense;
2. A mesma estava localizada às margens do rio *Cuyaverá*;
3. Conduzia consigo um mapa, mostrando que o rio *Cuyaverá* entrava no rio Paraguai pelo lado leste;
4. Finalmente, afirmou que, derivando do nome do rio *Cuyaverá*, a *cidade* havia tomado a denominação de Cuiabá.

A sua afirmação de que *segun tengo entendido*, demonstra claramente que ele não conhecia a *ciudad* de Cuiabá. Alguém relatou a ele dados sobre a mesma e, de acordo com

o que ele entendeu, pôde escrever as informações constantes na carta. Ficou clara a sua posição nesse sentido.

Essas afirmações todas do padre Castañares são categóricas e não dão margem a interpretações dúbias. Certamente em suas viagens de Assunção até Chiquitos, conforme já antes mencionado, ele ou outros padres da Companhia que transitavam pelo mar dos Xaraiés obtiveram as informações sobre o Cuyaverá.

Uma interessante evidência a respeito desse trânsito fluvial perpetrado pelos jesuítas seria um outro manuscrito de Castañares, cujo título, por si só, ressalta a respeito das viagens que comprovadamente realizou: *Relación del viaje que hizo en 1741 el P. Agustin Castañares para descubrir comunicación con las Misiones de Chiquitos y del Paraguay*. (CASTAÑARES apud GANDIA, 1929, p. 179).

Por essa relação, verificamos que o padre Castañares efetuou viagem para tentar uma ligação fluvial entre as missões de Chiquitos e as do Paraguai. Nessas viagens por ele perpetradas entre 1721 e 1741, verdadeiras expedições exploradoras, dado o seu conhecimento da região. Subindo o rio Paraguai acima, Castañares poderia perfeitamente ter tido notícia ou até mesmo adentrado por esse rio Cuyaverá.

Tal seja, alguém mencionou, ou a tradição jesuítica indicou, ou ainda o próprio mapa apontou que o rio Cuiabá, tanto àquela época como desde tempos imemoriais, era conhecido como rio *Cuyaverá*. E mais, que o nome da vila adveio, por corruptela etimológica, diretamente da denominação do rio. Tal seja, o arraial, as minas e a vila do Cuiabá bandeirante, tomaram esse nome a partir do *Cuyaverá* guarani.

Seja pelo mapa que possuía, por informação de outras pessoas, ou ainda por tradição advinda do tempo da conquista espanhola no rio da Prata, segundo o jesuíta, o rio Cuiabá foi um dia denominado de *Cuyaverá*.

Podemos afirmar que, face à proximidade no tempo com os primeiros povoadores da região ou pela tradição toponímica espanhola/guarani e ainda mencionando um mapa

em seu poder, a informação contida em sua carta de 1741 tem tudo para ser precisa, correta e fidedigna.

Realmente os espanhóis conheciam a região do mar dos Xaraiés desde 1540, tal seja, dois séculos antes das incursões de Castañares. Ressaltamos que Domingo Martinez Irala fundou *Puerto de Los Reyes*, às margens do rio Paraguai, não muito longe da foz do Cuiabá, a 6 de janeiro de 1542; em 1547, Irala fundou *Puerto San Fernando*, no rio Paraguai, nas imediações de onde se encontra hoje a cidade de Corumbá; em 1559, Don Nuflo Chavez estabeleceu o *Puerto Parabananes* às margens do rio Paraguai, em sua confluência com o rio Jauru, perto da hoje cidade mato-grossense de Cáceres; em 1579, Ruy Diaz Melgarejo, iniciou o povoado de *Santiago de Xerez*, às margens do rio Mbotetey, sendo essa a primeira povoação branca, e não um simples *puerto*, estabelecida na região sul mato-grossense; nos princípios do século XVII, a região dos campos da Vacaria e adjacências foi ocupada e vasculhada pelos jesuítas espanhóis em sua conquista espiritual e aí fundaram o complexo da Missão Jesuítica dos Itatins, pulverizando toda a região com uma série de pequenas reduções indígenas.

Comprovadamente, expedicionaram Xaraiés adentro o capitão Ruy Dias Melgarejo, Don Hernando de la Ribera, o capitão Francisco de Ribera, o capitão Juan de Vergara, Agustin de Salazar, Don Nuflo Chavez, além dos *Adelantados* Domingo Martinez Irala e Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, dentre vários outros conquistadores registrados pela história colonial paraguaia. A bibliografia acerca do rio da Prata é abundante nesses apontamentos históricos acerca da conquista e ocupação espanhola pelo rio Paraguai acima, em especial, nos pantanais dos Xaraiés.

Por outro lado, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, os padres jesuítas perpetraram inúmeras viagens pelo pantanal, tentando atingir Chiquitos. A propósito, o historiador Enrique de Gandia arrolou, em um capítulo de sua obra, algumas dezenas de nomes de *misioneros* jesuítas que efetuaram a viagem desde Assunção até algumas das várias

reduções dessa Missão jesuítica. É incontestável a informação desse grande pesquisador e historiador argentino⁸.

Assim, podemos afirmar que nos séculos XVI e XVII, os espanhóis já tinham um profundo conhecimento fático de todo o vale superior do rio Paraguai e a região dos Xaraiés. Palmilhavam desesperadamente essa imensa região buscando riquezas e formas de implantar e consolidar o reino espanhol pelo centro do continente sul-americano, sobretudo para encontrar melhores caminhos de acesso à prata já encontrada anteriormente no Peru. Salientamos que por pouco os espanhóis não descobriram, ainda no século XVI, as lavras auríferas de Cuiabá e Mato Grosso, dois séculos antes dos bandeirantes paulistas. Don Nuflo Chavez, em sua expedição de 1559 pelo rio Paraguai acima, teve ordens explícitas para, ao chegar em Puerto Parabanzanes, na foz do Jauru, explorar as terras à leste, ao nascente. Em vez disso, tomou rumo oeste, ao poente, em direção aos Andes e terminou por fundar Santa Cruz de la Sierra. Tivesse ele obedecido a essas ordens, caminhando a pé rumo leste, iria bater diretamente na região de Cuiabá, com os seus córregos auríferos da Prainha e Coxipó.

Por outro lado, os jesuítas também mantiveram uma estreita ligação entre Assunção e as missões dos Itatins, Moxos e Chiquitos e estas entre si. Viajavam constantemente entre Assunção e essas missões, subindo em balsas o rio Paraguai. Registro incontestado dessas viagens missionárias pelo vale do Paraguai foi dado pelo padre jesuíta Pedro de Lascamburu, em carta de 27 de junho de 1692, quando afirmou:

Dificultades que al presente se ofrecen acerca del viagem de los padres en balsas, por el rio Paraguay arriba a los Itatines y de alli al parage del pueblo nuevo de los Chiquitos. (LASCAMBURU, Pedro de apud CORTESÃO, 1952, p. 303-310)

8 GANDIA, Enrique de. Op. Cit., Cap. IX – *Evangelización del Chaco*, p.143/63.

Ainda temos uma importante informação das viagens dos jesuítas espanhóis pelo vale do rio Paraguai, anotada por um anônimo monçoeiro que bem conhecia a rota fluvial para Cuiabá, ainda nas primeiras décadas do século XVIII, relatando episódio ocorrido pouco antes da fundação de Cuiabá:

Os religiosos da Companhia da Província do Paraguai vão de Buenos Aires pelo rio acima em suas embarcações e entram pelo rio Paraguai acima, e pelos braços destes visitam muitas missões. Isto viram com seus próprios olhos Pascoal Moreira Cabral e seus companheiros primeiros descobridores do ouro do Coxiponé, porque estando na barra do Mbotetey, passaram os padres com bergantim e lhe ofereceram mantimentos [...]. (ANÔNIMO, Demonstração, 1922, p. 15).

O historiador general Raul Silveira de Mello, em sua enciclopédica obra *História do Forte de Coimbra*⁹, registrou em dois subcapítulos denominados *Expedições pelo rio Paraguay* e *Novas Expedições pelo rio Paraguay*, que padres jesuítas subiram esse rio em seu trabalho de evangelização. Apontou seus nomes, identificou os anos e relatou essas expedições: ano de 1702, Padres Hervas e Yegros; 1703, padre Hervas; 1704, padre Neumann; 1705, padre Fernandez e irmão Adami; 1705 a 1710, padre Cavallero; 1710, padres Machoni e Yegros; 1711, padre Cavallero; 1715, padres Arce e Blenda. Citou ainda os jesuítas mártires que foram sacrificados pelos índios em seu trabalho evangelizador no Chaco e Paraguai acima (MELLO, 1958, v. I, p. 207/213). Essas expedições foram perpetradas cerca de uma década antes da fundação de Cuiabá em 1719.

Temos também a mais evidente das observações de que os jesuítas já conheciam o rio Cuiabá desde os idos do século XVII, remetendo ao brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães, quando este autor registrou que os padres jesuítas subiam o

⁹ MELLO, Raul Silveira de. *História do Forte de Coimbra*. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1958, 5 v.

rio São Lourenço para atingir as missões do Pará. E está claro que, ao subir o São Lourenço, de acordo com o seu curso então observado, os *missioneros* passavam bem em frente da foz do rio Cuiabá, situação essa que os fazia conhecedores fáticos desse rio. Assim mencionou Couto de Magalhães:

[...] *o roteiro dos jesuítas do Paraguay, para comunicarem-se com os do Pará, era o seguinte* ¹⁰: *Subiam o Paraguay acima até a foz do S. Lourenço; por este rio acima até a foz do Itiquira, por este à serra; saíam por terra e com marcha de 15 léguas [...].* (MAGALHÃES, 1874, p. 11-12).

Citamos ainda a anotação da professora Maria de Fátima Costa, quando ressaltou acerca das expedições dos jesuítas rio Paraguai acima:

Desde o início dos anos seiscentos estes religiosos tentavam encontrar uma via de comunicação entre as suas missões Guaranis do Paraguai e as de Chiquitos, no Alto Peru. Com este fim organizaram expedições e realizaram viagens remontando o Paraguai, com mais perdas que resultados positivos. Aliás, o rio Paraguai sempre foi considerado pelos jesuítas como uma excelente via para a difusão da fé católica. (COSTA, 1999, p. 210).

A propósito, podemos nos remeter ao padre Diogo Ferrer, missionário jesuíta na Missão dos Itatins que, em 1633, também registrou sobre a possibilidade de evangelização pelo rio Paraguai acima:

[...] *y com la venida de los portuguezes avemos ganado de aver arrimado los indios [Paiaguás] al Paraguay; lo qual en diez años no ubieramos podido alcançar dellos, y en ganando el rio Paraguay ganamos la comunicación por Rio, y ganamos tambien muchas puertas para el Evangelio, assi de esta como*

¹⁰ Essa rota era feita pelos padres jesuítas quando viajavam do Paraguai, passando pela Missão Jesuítica dos Itatins rumo ao Pará. Como essa missão foi destruída em meados do século XVII, infere-se que essas viagens eram realizadas até essa época tão somente.

de la outra banda del Rio [...]. (FERRER, 1633, *apud* CORTESÃO, 1952, p. 44).

Obviamente, há uma dualidade de significados para essas *muchas puertas para el Evangelio*, que seria tanto os inúmeros afluentes do Paraguai com possibilidade de navegação fluvial, como os povos indígenas encontrados nesses rios, passíveis de serem evangelizados.

Outra interessante anotação fez o padre Pierre de Charlevoix, quando deu notícia de uma expedição levada a efeito pelos jesuítas Arcé e Fernandez que, saindo de Assunção a 24 de julho de 1715, com uma barca e duas chalupas, com destino à Missão de Chiquitos, subiram o rio Paraguai acima, *tant pour le service du Roi que pour faciliter le progrès de l'Evangile*¹¹.

Mais relatou Charlevoix:

*Il fallut ensuite près de six mois pour gagner le lac Manioré, que si décharge dans le Paraguay du côté de l'Occident par les dix-huit degrés de latitude. [...] avoit planté une croix et laissé d'autres signaux pour marquer la route qu'il avoit faite depuis Saint Joseph des Chiquites jusques-là*¹². (CHARLEVOIX, 1757, tomo IV, p. 295).

Subindo essa expedição de 1715 pelo rio Paraguai até a baía de Mandioré, certamente passaram os jesuítas pela confluência do rio São Lourenço, muito perto da foz do rio Cuyaverá. Essa rota era usada com bastante frequência, tanto que, quando foi encontrado um caminho mais curto até Chiquitos, atravessando a baía de Mandioré, esses sacerdotes deixaram uma cruz e outros marcos para assinalar o novo trajeto para os padres, autoridades e militares espanhóis que pudessem vir depois.

11 CHARLEVOIX, Pierre François-Xavier de. *Histoire du Paraguay*. Paris, Didot-Giffart-Nyon, 1757, tomo IV, p. 295. (Tradução: Tanto para o serviço do Rei como para facilitar o progresso do Evangelho).

12 Tradução: Ele levou em seguida perto de seis meses para atingir a lagoa Manioré, que deságua no Paraguai do lado ocidental aos 18 graus de latitude [...] plantou uma cruz e deixou outros sinais para marcar a rota que depois ele fez até São José de Chiquitos.

O general Anglés y Gortari, em *Informe* produzido em 10 de maio de 1731 em Potosi, ao mencionar viagens dos jesuítas pelo rio Paraguai acima, afirmou que,

Como los dichos padres navegan los rios grande Paraná, Paraguay y Uruguay, sin mas licencia ni permiso que el suyo proprio, emprendieron (habrá unos doce años mas ó menos) subir el rio Paraguay arriba con dos embarcaciones bien apetrechadas de gente y municiones, para descubrir camino para las otras sus Misiones de los Chiquitos [...]. (ANGLES y GORTARI, 1896, p. 69).

Guillermo Furlong, grande historiador e cartógrafo da região do rio da Prata, assim se manifestou, com sua abalizada opinião de pesquisador e estudioso acerca das andanças de padres da Companhia nos vales dos rios Paraguai e Paraná:

[...] y cien otros [missionários] que recorrieron y exploraron las inmensas regiones comprendidas entre el Paraguay y Paraná, y entre este rio y la capitania portuguesa. Fueran tantas las exploraciones realizadas por los Jesuitas durante el primer siglo de su labor entre nosotros y fueron tantos los caminos abiertos por ellos en diversas regiones del país que el Rey ordenaba en 1630 que “los padres jesuitas procuren cerrar los caminos que han abierto de unas provincias a otras en tanto no se fortifiquen las fronteras” [...]. (FURLONG, 1930, p. 8-9).

Como fueran tantas las exploraciones realizadas por los jesuítas e tantos os caminhos fluviais por eles abertos, que nos permitimos inferir que os mesmos conheceram e penetraram também o rio Cuiabá.

Em todas essas viagens, está claro que os jesuítas *misioneros* conheceram várias tribos de índios, pois subiam os rios, entravam nas baías, cortavam os campos e penetravam os pantanais. Muito ciosos de seus deveres e obrigações, concentravam as mais variadas informações e as

transformavam, posteriormente, em preciosos relatórios¹³ e detalhados mapas da região. Do que não era visto nem constatado diretamente, obtinham notícias através de terceiros, fossem índios, paulistas, aventureiros ou os próprios soldados dos exércitos espanhóis, todos eles fazendo essas penetrações com muita frequência ao adentrar ou cruzar, perscrutando o lago dos Xaraiés.

Ainda no século XVI e XVII, os jesuítas e os conquistadores espanhóis já sabiam da existência de um rio que desaguava no Paraguai pelo lado leste, em pleno pantanal. Esse era o rio *Cuyaverá*. Certamente pelas décadas que penetraram os pantanais, viajando dos Itatins para Chiquitos ou mesmo para Belém do Grão-Pará, algum missionário mais curioso possa ter subido por esse *Cuyaverá* águas acima e disso, posteriormente, deve também ter prestado as informações necessárias aos seus superiores ou às autoridades de Assunção. Não apenas uma simples entrada no rio Cuiabá, uma simples averiguação por esse rio acima para satisfazer uma mera curiosidade pessoal, mas até mesmo por receber ordens superiores específicas, no sentido de “abrir portas para o Evangelho”. Tal seja, entrar nos afluentes do trajeto fluvial principal para conhecer as tribos indígenas e, posteriormente, tentar conseguir a sua redução em missões jesuíticas. Devemos sempre lembrar que esse trabalho evangelizador dos índios sul-americanos era o objetivo principal da Companhia de Jesus em terras espanholas da América, nos dois primeiros séculos de sua conquista.

Daí a informação que o padre Castañares já possuía acerca daquele *arroyo Cuyaverá* e o mapa que teria consultado, trazendo a informação de que o referido rio entrava pelo lado leste no rio Paraguai. Por essas notícias o jesuíta deveria também saber que, a partir do rio *Cuyaverá*, a vila,

13 Por décadas, os jesuítas do Paraguai redigiram Cartas Anuais, tais sejam, relatórios anuais de suas atividades nessa Província Jesuítica e as enviavam para seus superiores na Espanha. Muitas foram editadas já no século XX.

que ele enfaticamente chamou de *ciudad*¹⁴, teria tomado o nome de Cuiabá.

O padre Castañares, certamente, de há muito já deveria ter consigo essas informações – plenas ou parciais -, vez que havia mandado um outro relatório em 1738 a Don Francisco Antonio Argomossa y Cevallos, como ele próprio legou. Assim, as informações prestadas pelos índios cativos de Assunção, durante os depoimentos prestados no inquérito de D. Rafael de la Moneda, pouco deve ter acrescentado aos seus conhecimentos anteriores sobre a região pantaneira e seus ocupantes paulistas.

Seria, assim, enorme o conhecimento do jesuíta, seja por observação própria, de terceiros ou por herança missionária secular, acerca dos rios da região dos Xaraiés. O pantanal era o “fundo do quintal” das missões do Paraguai, ponto de passagem fluvial para outras missões e foi, certamente, palmilhado pelos padres em suas andanças e peregrinações através da imensa região sul americana em sua atuação evangelizadora.

Mas com relação ao *Cuyaverá*, temos o que ora se apresenta. Obtivemos uma importante informação que não lenda, não hipótese etimológica, não fruto de imaginação fértil de viajante, cronista, historiador ou filólogo.

Temos de fato o concretamente expresso numa carta oficial de caráter informativo e juntada num inquérito militar de importância até mesmo estratégica. O interessante, carta essa mencionando um mapa espanhol/jesuítico da região dos Xaraiés.

Realmente um documento histórico de grande importância e um registro precioso da toponímia geográfica de interesse matogrossense, constituindo-se em uma peça de alto valor para pesquisadores de Mato Grosso.

14 Certamente propositadamente Castañares chamou Cuiabá de cidade, pois seria muito mais difícil a decisão dos espanhóis em atacar uma *ciudad* do que uma vila. E a sua clara intenção, manifestada em vários pontos de sua carta, era evitar uma guerra entre ambos os países ibéricos.

A carta do jesuíta Castañares, sem qualquer dúvida, foi um importante documento colonial, que muito veio enriquecer a história e a etnografia matogrossense do século XVIII, não só pelos dados ali registrados, mas também, por mostrar a preocupação espanhola para com o território e ainda, a vontade explícita de algumas autoridades de Assunção, em expulsar os bandeirantes paulistas das minas cuiabanas.

IV- A ETIMOLOGIA DO CUYAVERÁ

A surpresa histórica, sem qualquer dúvida, foi grande. Inesperadamente conseguimos acrescentar um novo dado no cenário, desta vez bastante concreto e que, se analisado metodológica e cientificamente, traria outras e novas luzes para a real compreensão da origem e do significado do nome Cuiabá. Um achado precioso que poderia mudar totalmente o rumo das pesquisas e das conclusões chegadas até agora por historiadores, etimologistas e estudiosos da matéria.

No entanto, haveríamos de estudar o termo *Cuyaverá*, enquanto possível origem imediatamente anterior da palavra Cuiabá. A hora e a vez da etimologia.

Temos assim que do rio *Cuyaverá*, segundo Castañares, a cidade de Cuiabá lhe havia tomado o nome. Inferimos com precisão e certeza que a palavra Cuiabá é uma corruptela fonética do antigo *Cuyaverá*, sendo claramente uma evolução etimológica desse termo mencionado pelo jesuíta. Através de uma contração fonética, tivemos a evolução para a atual palavra Cuiabá.

Tendo a comprovação histórica e documental do uso desse topônimo por algum grupo indígena que habitava as partes setentrionais do pantanal, denominando com ele o rio Cuiabá, caberia agora a análise etimológica do seu significado.

Não se trata de efetuar mais uma pesquisa etimológica da palavra Cuiabá. Mas sim, de uma outra palavra – *Cuyaverá* – da qual o termo Cuiabá foi oriundo, foi evolução fonética.

Restava, no caso, saber o que significava essa palavra em guarani, *Cuyaverá*, (obviamente guarani pela sua sono-

rização fonética) e que mapa seria esse que expressamente mencionava o nome do tal arroio.

Verá é uma palavra guarani, encontrada facilmente em qualquer dicionário dessa língua e significa *brilhante, resplandecente*. Mas com relação ao *cuya*, isso somente os especialistas em etimologia guarani saberiam responder.

A solução para esse questionamento estaria em Assunção, Paraguai.

Após alguma pesquisa, obtivemos o endereço e remetemos longa carta, acompanhada de alguns trabalhos anteriores a respeito, ao senhor Basilides Brites Fariña, professor de guarani em Assunção. O professor Basilides, tão logo recebeu a documentação enviada, deu início às suas pesquisas.

Estudou a carta de Castañares e leu cópias dos artigos específicos sobre o significado do nome Cuiabá (JUCÁ, 1988 e POMBO, 1989) para se inteirar preliminarmente dos objetivos concernentes ao tema.

Consultados outros professores, antigos documentos, dicionários e ainda baseado em pesquisas anteriores por ele já efetuadas, tanto que já havia escrito um livro denominado *Etimologia Guarani*, o ilustrado professor respondeu através carta ao autor em 1992:

Y yendo su inquietud o curiosidad sobre la etimologia de Cuiabá o Cuyabá, no existe un tratado sobre ello. Pero si puede elucubrarse como intérprete de las costumbres del estudiosos del Guarani. ROSICRAN, Narciso R. Colman, em su obra "Nande Ypycuea" (Nuestros Ancestros o Antepassados) la hace derivar de Cu-Yavá. Manterei, es decir, nos mudamos a cada ratoetimologia que me parece fantasiosa. Pero la etimologia que aporta lo misionero Agustin Castañares, cuya contracción seria Cuyabá, a mi entender se origina de: KYYA = nutra o lontra en portugues, y VERÁ = resplandeciente. Seria entonces una especie de roedor de los pantanos de piel grasa y brillante. En tupi no es rara la deformación de las palabras, como la particula TY o TYVA, que

indica abundancia o conjunto. En tupi varia en TUVA, TIVA, NDIVA, NDUVA. Asi ARASATUVA = ARASATY = guaayabal; CURITIBA de CURI y TY = pinar lo piñeiro, o sea, conjunto de araucaria. Asi ITA MARATI es en guarani ITA MOROTI. TIYUCA es TUYU = barro, limo. Evidentemente CUIA es KYYA y VA de VERA = resplandeciente por la piel mojada del pantano. Es mi opinión, salvo mejor parecer documentada. [...]
¹⁵. (grifo nosso)

É muito forte e efetiva a afirmação do referido professor. O *Cuyaverá* mencionado pelo padre Castañares é uma corruptela da palavra guarani *Kyyaverá*, que significa lontra resplandescente.

O rio Cuiabá era o rio da Lontra Resplandescente. Ou em uma tradução que melhor se adapta ao português corrente, **Lontra Brilhante**.

Já com base em estudos preliminares, antes mesmo da resposta oficial, por telefone o professor Brasilides tentava explicar detalhes de sua pesquisa etimológica, em especial suas consultas, reuniões e trocas de opinião com outros professores. Vários se interessaram em auxiliar nas pesquisas, em especial, pelo fato de um *investigador* (como eles denominam os pesquisadores) de Mato Grosso estar interessado na etimologia de uma palavra guarani, língua tão cara para eles. O sentimento e a consciência nacional do Paraguai estão inteiramente baseados nas tradições e costumes guaranis. O guarani é a alma do Paraguai. Como disse o historiador paraguaio M. Dominguez no título de seu livro, é *La alma de la raza*.

Emocionou-se o professor Brasilides quando lhe afirmamos que ainda se vêem ariranhas e lontras tranquilamente percorrendo partes até mesmo bastante habitadas do Cuiabá. Ainda hoje, no trecho pantaneiro desse rio, a visão de bandos de ariranhas é fato corriqueiro. Quanto mais nos séculos da conquista espanhola.

¹⁵ Carta do professor Brasilides Brites Fariña a Paulo Pitaluga Costa e Silva. Asunción, 22 de abril de 1992. Original com o autor.

Assim, dizia ele por telefone, tinha fundamento a evolução fonética e, etimologicamente, estaria certa a conclusão de ser a palavra *Cuyaverá* advinda de *Kyyaverá*, a Lontra Brilhante. Disse ainda ter ficado um tanto preocupado com essa sua conclusão científica, pois, faticamente desconhecia ser o rio Cuiabá habitado por lontras e ariranhas, as *nutras* que se referiu em sua carta.

A conclusão do estudo etimológico do significado do *Cuyaverá*, sem qualquer dúvida, foi reforçada pelo fato da existência desses animais no rio Cuiabá.

Quem teve oportunidade de ver os bandos de ariranhas em seu alegre nadar, efetivamente constata a veracidade do estudo do professor Brasilides. No ato de mergulhar e sair novamente na superfície do rio, em seu pêlo sedoso e aveludado molhado pelas águas, os raios de sol fazem refletir um intenso brilho, resplandecente e fulgurante. Esse brilho único chama realmente a atenção dos que observam as alegres evoluções desses animais, sempre em grupos familiares, em sua permanência aquática. Até hoje, com toda a poluição, desmatamento ciliar e outros tipos de predação ambiental que vêm ocorrendo por todo o curso do rio, ainda encontramos esses belos animais de pelos brilhantes, nadando e mergulhando nas águas do rio Cuiabá.

Assim, índios de fala guarani, em suas atentas perambulações por todo o pantanal, observando a ocorrência da quantidade de lontras e ariranhas que no rio Cuiabá tinham o seu habitat natural, chamaram-no *Kyyaverá* ou rio da Lontra Brilhante. Por corruptela da palavra, por aglutinação fonética perpetrada através de séculos, tornou-se o *Cuyaverá*, mencionado pelo padre Agustin Castañares em sua carta de 1741. Uma outra aglutinação posterior ocorreu, transformando o *Cuyaverá* em *Cuyavá* e, por conseguinte, *Cuyabá*. Os bandeirantes pioneiros, ainda no século XVII, em suas primeiras incursões pela região da Vacaria e dos Itatins, provavelmente já encontraram pronta e acabada essa última evolução fonética, com que, no início do século XVIII os paulistas batizaram o nome do arraial, pois [...]

del arroyo tomaria la ciudad la denominación Cuyabá [...], segundo informou o padre Castañares.

Daí o cabimento do estudo etimológico, não mais da palavra Cuiabá, com os seus inúmeros significados já antes encontrados, mas sim, de uma forma gráfica e fonética anterior, *Cuyaverá*, mencionada pelo jesuíta. A partir desta palavra guarani, conseguimos, através o professor Brites Fariña, chegar à forma primitiva de *Kyyaverá* e dar o seu significado, Lontra Brilhante.

Com relação às lontras (*Lutra longicaudis*), podemos dizer que são animais extremamente parecidos com as ariranhas (*Pteronura brasiliensis*), chegando os zoólogos a afirmar que são espécies aparentadas, já que ambas pertencem à família dos *Mustelidae*. As lontras (até 1,20m) são, entretanto, menores do que as ariranhas (até 2,00m), por isso, são geralmente confundidas com ariranhas jovens. Somente quem bem conhece as duas espécies pode diferenciá-las à distância, em especial, dentro d'água no seu rápido mergulhar. A ocorrência das lontras se dá nos rios e lagos da América do Sul. No rio Cuiabá as lontras são encontradas até com bastante frequência, mas as ariranhas aí ocorrem com mais abundância.

Assim, temos pela primeira vez um estudo etimológico realizado a partir de uma palavra encontrada em um documento histórico. E o mesmo, mencionando expressamente a palavra *Cuyaverá* como um topônimo designativo do rio, deu base sólida e responsável para a análise etimológica desta palavra. A conclusão dessa pesquisa foi respaldada e confirmada pela existência de lontras e ariranhas – as *Nutras* - no rio Cuiabá. Se *Cuyavera* era o nome primitivo do rio mencionado, conforme registro, então extremamente válido o estudo etimológico desse termo indígena, por ser nome próprio imediatamente anterior à palavra Cuiabá.

Queremos crer que não se tornou este um estudo aleatório, partindo de premissas fictícias ou adrede construídas. Em absoluto. O *Cuyaverá* existiu como topônimo, pois alguém falava esse nome, alguma tribo o adotava, indicando

ali ser o rio nomeado. A partir dessa hipótese comprovada documentalmente, está a pertinência do estudo etimológico para se saber o exato significado da palavra Cuiabá através da pesquisa em torno do termo *Cuyaverá*. Um avanço nas pesquisas etimológicas, sem dúvida.

Com essa hipótese comprovada, temos que o rio Cuiabá um dia foi realmente denominado *Cuyaverá* pela população indígena que habitava certos trechos de suas margens.

Será que esse rio, no passado indígena, chegou a ser chamado de rio *Cuña abá*, *cayoabá*, *coa abá*, *quá y abá*, *ikuiapá*? Ou então rio da Mulher Corajosa, da Nação das cuias, da Nação do mato, dos Índios das Águas ou do Lugar onde se pesca com flecha-arpão, em suas versões portuguesas advindas do tupi, guarani ou bororo? Isso nunca a história documental fincou registros, nem a cartografia colonial jesuítica, espanhola ou portuguesa efetivamente comprovou.

Essa exata nomeação do rio *Cuyaverá* foi pelo padre Castañares registrado em carta oficial ainda no século XVIII. As outras incontáveis e pretensas denominações nunca foram provadas documentalmente por nenhum historiador, cronista, bandeirante, espanhol, aventureiro, sacerdote, monçoeiro ou índio. Nem a história nem a geografia de Mato Grosso jamais deram pistas concretas através de registros efetivos do uso dessa quantidade espantosa e desconcertante de significados. Nunca também tivemos o ensejo de encontrar a sua visualização em qualquer mapa colonial. Portanto, as inúmeras conclusões distintas a que chegaram historiadores e etimologistas até agora, não têm qualquer respaldo nem comprovação histórica ou cartográfica.

Realmente temos que dar crédito a esta assertiva, colocada de forma clara na missiva do padre Castañares. Não é lenda, invenção, ficção, nem imaginação de cronista, historiador ou etimologista. Na realidade existe uma carta inserida nos registros históricos oficiais. É documento do século XVIII encontrado, publicado duas vezes, analisado e pesquisado, sem haver maneira de reputá-lo falso ou incorreto.

Por outro lado, a explicação etimológica e a evolução semântica do termo *Cuyaverá* são perfeitamente cabíveis, já que fornecidas por um professor paraguaio especialista em língua guarani, de notória competência em seu país natal.

Salientamos também que historiadores de nomeada e importância nacional, como Afonso de Taunay e Jaime Cortesão, tiveram acesso a essa carta, vez que anteriormente foi publicada por duas vezes, mas nenhum deles atentou para o detalhe do *Cuyaverá* ali expresso, nem da importância histórica desse registro. Cortesão chegou a se inquietar com essa denominação, pois colocou um *sic*¹⁶ após a palavra. Dessa forma, deve tê-la considerado um erro de ortografia, de transcrição ou mesmo de impressão, não lhe dando a importância devida. A bem da verdade, jamais poderia ter sido um erro de grafia ou de transcrição, como quis crer Cortesão, pois que, em ambas as edições do texto dessa carta, com os respectivos manuscritos advindos de fontes distintas, mencionaram a palavra *Cuyaverá*.

Por outro lado, temos interessantes registros do historiador Virgílio Corrêa Filho em sua obra *História de Mato Grosso*. Em sub-título denominado *Indagações Expressivas*¹⁷, deixou claro que leu e pesquisou o inquérito de D. Rafael de la Moneda. Inclusive citou nominalmente o padre Agustín Castañares, demonstrando ter tido também acesso à sua carta. Pôde ele até mesmo mencionar a localização geodésica que o jesuíta forneceu para a vila de Cuiabá, o relatório anterior remetido para Don Francisco Antonio Argomossa y Ceballos e outros pontos mais do referido documento. Em nota de rodapé inserida pelo historiador, registrou expressamente que consultou a carta de Castañares a partir da transcrição contida em Jaime Cortesão. Estranhamente não notou o *Cuyaverá*, não se apercebendo da importância de tal registro. E concluímos que, tendo assuntos mais

16 CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950/2, v. III, parte II, p. 48

17 CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: INL, 1969, p. 271/4

importantes a analisar no conteúdo da carta, o *Cuyaverá* passou-lhe de todo despercebido no contexto geral desse documento, quando de sua análise histórica. Talvez o *sic* de Jaime Cortesão, colocado após o nome *Cuyaverá*, haja desviado a atenção de Virgílio Corrêa Filho.

Vários outros historiadores e pesquisadores tiveram acesso ao texto da carta e não notaram a sutil inserção do termo *Cuyaverá*. Em especial porque a coleção de Jaime Cortesão, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, por ocasião de sua edição, foi obra muito difundida por esse Brasil afora.

Temos ainda que o conteúdo da carta de 1741 é uma informação muito mais segura e robusta do que todas as outras versões até agora aventadas para se explicar a origem e o significado da palavra. Isto tão somente por ser a mesma um documento histórico e remeter-se a um mapa de tempos coloniais.

Esta nova explicação para a origem e o significado do nome Cuiabá, pode ser mais uma dentre tantas que já se formulou por muitos autores no correr dos séculos mato-grossenses. Porém é bem constatada, já que está documentalmente comprovada.

Cuiabá – Cuyabá - Cuyavá - Cuyaverá - Kyyaverá = Lontra Brilhante.

O nosso rio Cuiabá era o rio da Lontra Brilhante. Fora assim chamado pelos índios de fala guarani que, em época imemorial, realmente se impressionaram com a quantidade desses interessantes animais em toda a sua extensão.

V - Imposição do nome Guarani pelos Paiaguás

Temos que indagar: por que o uso de uma palavra guarani, o *Kyyaverá-Cuyaverá*, numa região geograficamente Bororo? Como um termo nessa língua foi usado e assimilado para designar o nome de um rio, numa região onde não se falava o guarani e sim uma outra língua totalmente diferente desta? É uma indagação extremamente válida e a sua resposta deve ser tentada por todos aqueles pesquisadores que

resolvam dar uma explicação minimamente responsável e plausível sobre a origem e o significado da palavra Cuiabá.

Ao sul dos Xaraiés, pelo vale do rio Paraguai até os limites do pantanal e mesmo pelo seu interior, a língua falada era o guarani - os índios Itatins, uns tais Monteses, os Orejones ou então com forte influência guarani, - os Guanás, Guatós, Paiaguás e os da nação Mbaia. Essa influência guarani que mencionamos era uma realidade concreta, vez que a região do baixo Paraguai, fronteira meridional com o pantanal, era altamente mesclada por inúmeros povos indígenas que falavam essa língua, pois a aprendiam em contato com outras etnias que falavam essa língua, em seus casamentos intertribais, com seus prisioneiros e, a partir do século XVII, com os próprios jesuítas em suas missões.

O guarani era usado por alguns povos da região sul pantaneira, mas todos os demais a compreendiam muito bem. Tanto que eles se frequentavam, guerreavam, faziam seus prisioneiros, celebravam as pazes, efetuavam trocas, arranjavam suas esposas. Em suma, entendiam-se perfeitamente em sua comunicação verbal.

Algumas dessas tribos que falavam, entendiam ou mesmo tinham forte influência guarani no seu linguajar quotidiano, no decorrer dos séculos, poderiam ter contribuído com a denominação de *Kyyaverá* ao rio Cuiabá.

Esse nome, *Kyyaverá*, poderia ter sido dado pelos Monteses, Guatós, Itatins, Guanás ou algum outro mais de fala aproximada ao guarani? Certamente que sim. Mas esses povos não eram guerreiros e ante o seu espírito não bélico e nem conquistador, jamais um topônimo por eles batizado em região bororo, seria instalado, assimilado e sobrevivido enquanto componente de uma língua estranha a esse território.

Senão, vejamos acerca dos Paiaguás e de sua língua.

O capitão espanhol Juan Francisco de Aguirre, em seu *Diário* escrito no século XVIII, assim se expressou com relação às línguas guarani e paiaguá:

La guarani en su origen seria poco más o menos que la Paiaguás [...] ¹⁸.

Tal seja, conforme Aguirre, os índios Paiaguás falavam uma língua muito parecida com o guarani, já que ambas têm origem comum.

Ressaltamos também a informação prestada pelo padre Pablo Pastells, quando afirmou em sua obra setecentista:

Además del guarani hablaba el dialecto de los Guatós y de los Payaguás ¹⁹.

Assim, o autor mostrou claramente que os Paiaguás e os Guatós falavam guarani ou então uma língua muito semelhante a esta. Ou um *dialecto* guarani como o jesuíta Pastells chegou textualmente a registrar.

Parece que o guarani podia ser considerado como uma “língua comum” ou uma “língua geral” da região do rio Paraguai e pantanal. Todos os povos, se não a falavam como idioma *mater*, a compreendiam perfeitamente e isso está mencionado em alguns registros coloniais. Os contatos amiúdes de guerra ou de paz, faziam com que os povos dessa região a entendessem perfeitamente, principalmente em face dos prisioneiros e os casamentos inter-tribais levarem o conhecimento e aprendizado dessa língua a etnias que não a falavam. Está claro que as mães de fala guarani ensinavam essa língua materna aos seus filhos, nascidos da união com índios de outras tribos, inclusive os Paiaguás, transmitindo esse conhecimento por várias gerações. Isso confirmou Max Schmidt, quando se ateve sobre estes índios:

[...] ellos [os Paiaguás] llevaban muchas mujeres y muchachas de los Guarani capturadas em sus correrías ²⁰.

18 AGUIRRE, Juan Francisco. Diario del Capitán de Fragata Juan Francisco de Aguirre. *Revista de la Biblioteca Nacional*, Buenos Aires, Tomo XIX, 2ª parte, 1950, p. 58-_____.

19 PASTELLS, Pablo. *História de la Compañia de Jesus en la provincia del Paraguay*. Madrid: Suarez, 1915, Tomo II, p. 193, Nota (1).

20 SCHMIDT, Max. Los Payaguá. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, Museu Paulista, v. III, N.S., 1949.

Ressaltamos que os jesuítas elegeram o guarani para a linguagem quotidiana nas missões. Era a sua “língua comum”, através da qual pregavam a religião e ensinavam o evangelho. Era de todo impossível terem eles que aprender vários idiomas para, nessas tantas línguas, evangelizar pontualmente as diversas e diferentes tribos. Isso ocorreu em todas as missões jesuíticas ao sul e, também, na dos Itatins. Se os jesuítas elegeram o guarani como língua “oficial” para a evangelização é por que bem sabiam de sua aceitação e disseminação por todo o vale do rio Paraguai. Desse modo, os índios que posteriormente deixavam essas reduções, levavam o guarani aprendido com os jesuítas para outras regiões onde não se praticava essa língua. Isso ajudou sobremaneira, a partir dos princípios do século XVII, a disseminar ainda mais esse idioma pelos campos das Vacarias, toda a extensão do rio Paraguai, o Chaco paraguaio e pela região dos Xaraiés.

Leopoldo Lugones, registrando os índios *bugres*, *mbayás*, *payaguás*, *tobas*, *mocovies*, contatados e/ou reduzidos nas missões jesuíticas, ressaltou que:

[...] *y la facilidad com que todos entendían el guarani, tronco de sus dialetos, agregaban nuevas facilidades a la obra evangelizadora* ²¹.

Por esse registro, temos que as línguas faladas por esses indígenas mencionados tinham um tronco comum, o guarani e os mesmos o entendiam com muitas facilidade, o que oportunizava uma boa prática evangelizadora.

Felix Azara, a respeito desse idioma, mostrando a prática comum de algumas tribos terem consigo prisioneiros guaranis e ainda sobre o guarani, comentou:

El guarani es idioma muy difícil, pero útil para comunicar con las demás naciones silvestres; porque muchas de estas tienn algunos cautivos guaranis ²².

21 LUGONES, Leopoldo. *El Imperio Jesuitico*. Buenos Aires: Pucará, 1945, p. 156.

22 AZARA, Felix de. *Descripcion e Historia Del Paraguay y del rio de la Plata*. Madrid: Imprenta de Sanchiz, 1847, v. I, p. 183.

Desde o início das atividades missionárias, os jesuítas eram tão preocupados com o ensino do guarani, para que se pudesse fazer a evangelização nessa língua, que o padre Antonio Ruiz de Montoya, publicou o livro *Conquista Espiritual* em 1639 e *El arte de la lengua guarani e Catecismo*, todos em guarani, sendo estes dois últimos editados em 1640.

A expansão desse idioma pelas tribos do pantanal, deve-se também pela ação guerreira dos índios Mbayas que, segundo Guido Boggiani:

Em 1661 os Mbaya atacaram a colônia dos Guaranis chamada Nossa Senhora da Fé, posta sob a direção dos Jesuítas. [...] Em 1662 e nos anos sucessivos assaltaram Puton, Ypané e Guarambaré [...] ²³.

Esses índios guaranis, assim submetidos, foram feitos prisioneiros nessas datas e em outras ocasiões e, certamente, a partir dos Mbayas, também ajudaram a disseminar essa língua pela região sul pantaneira. Os Mbayas habitavam o que seria hoje Mato Grosso do Sul, entre 20° e 22° de latitude sul, desde o norte do rio Apa até o Miranda e o Aquidauana e ainda pelas duas margens do rio Paraguai. Desde então, o guarani tornou-se uma língua comum, entendida e falada por todos os povos indígenas da região pantaneira. Seria talvez o que os linguistas denominariam de “língua franca” ²⁴.

O mesmo autor, Boggiani, forneceu uma outra confirmação dessa assertiva, quando comentou acerca de prisioneiros de guerra:

Os Mbaya tinham muitos escravos; até mesmo os índios da classe mais pobre se faziam servir por três ou quatro servos. Os escravos pertenciam a tribos mais ou menos afastadas, isto é, à tribo Guachi, Guatós, Caiuá, Bororo, Caiapó, Chiquito, Chamacoco e também da nação espanhola. Eram prisioneiros de guerra [...]. (BOGGIANI, 1945, p. 265).

23 BOGGIANI, Guido. *Os Caduveo*. São Paulo: Martins, 1945, p. 265

24 Se bem que língua franca, em definição mais antropológica, seria mais concernente a uma língua comum para atividades comerciais.

Assim, mesclado em várias etnias e inúmeras línguas, seria muito provável que esse contingente humano prisioneiro pudesse falar entre si e com seus captores, numa língua que seria entendida por todos, que lhes fosse comum, tal seja, o guarani.

D. Felix Azara comentou ainda sobre os Paiaguás que:

[...] *ellos hablaban entre si mismos también en la lengua guarani* ²⁵.

Logo em seguida Azara tornou a mencionar:

[...] *Según Brinton, el Padre Neumann se encontró, en el año de 1703, com Payaguás que habían hablado con él en Guarani* ²⁶.

Continuou o mesmo autor espanhol:

[...] *pero la mayor parte de ellos [Paiaguás] hablan el Guarani* ²⁷.

Temos a ressaltar que as próprias palavras *Paiaguás* e *Paraguai* são efetivamente termos da língua guarani. Dentre alguns significados dessas palavras, evidenciamos o que foi observado por Demersay:

On a proposé comme étymologie assez rationnelle du nom de ces indiens [Paiaguás], les deux mots guaranis PAI e AGUAÁ, qui signifient “attaché à la rame”, ce qui est tout à fait en rapport avec leurs habitudes. Ensuite, on voulu voir dans l’expression PARAGUAY, appliquée comme dénomination à la rivière, avant de l’être à la province, une corruption assez légère, et qui nous paraît fort admissible ²⁸.

25 AZARA, Félix de. *Geografía Física y Esférica de la Provincias del Paraguay y Misiones Guaranies*. Montevideo: Museo Nacional, 1904, p. 354.

26 AZARA, Félix de. Op. Cit., p.354.

27 Ibidem, p. 354.

28 DEMERSAY, Alfred. *Fragments d’un voyage au Paraguay – 1844-1847. Les indiens Payaguás*. Paris: Hachette, 1861, p. 337. Tradução: Tem sido proposto como etimologia bastante racional do nome desses índios [Paiaguás], as duas palavras guaranis PAI e AGUAÁ, que significam “pegado ao remo”, que é dita em face de seus hábitos. Em seguida podemos ver na expressão Paraguai, aplicada como denominação do rio antes de ser a da provincia, uma corrupção bastante leve e que nos parece muito admissível.

Obviamente a sugestiva opinião de Demersay de que Paraguai significa “pegado ao remo” certamente remete ao sistema de vida dos índios Paiaguás, embarcados numa canoa, com os remos sempre às mãos. Uma significativa e interessante observação.

Encontramos, entretanto, inúmeros outros significados para a palavra “Paiaguá”, que foram fornecidos por antropólogos e indigenistas de séculos anteriores que estudaram esse povo.

Max Schmidt afirmou em seu trabalho *Los Payaguá*, remetendo-se à Elisée Reclus, que:

*También Eliseo Reclus relaciona el nombre de los Payaguá al nombre del río Paraguay.*²⁹

Felix Azara, um dos maiores memorialistas do rio da Prata, registrou categoricamente acerca do nome Paraguai:

*El río Paraguay [...] que se llamo en su principio Payaguay o río del Payaguá, porque desde tiempo inmemorial han dominado este río los bárbaros Payaguá y ejecutado en él, enormes atrocidades [...].*³⁰

Salientamos que topônimos guaranis são bastante encontrados por todo o pantanal e até mesmo nas imediações de Cuiabá, numa prova incontestada de que essa língua foi um dia usada nessa região, ainda que ocasionalmente, mesmo sendo território bororo e tendo características linguísticas próprias e diferentes dessa. No rio Cuiabá, em frente da cidade de Barão de Melgaço, existe o rio *Piraim* e a ilha do *Piraim*; perto da cidade de Santo Antonio do Leverger existe um local cheio de pedras denominado de *Itaicy*, sendo todos topônimos guaranis em meio a território bororo. Anotamos também no pantanal de Poconé, o rio *Pixaim*; destacamos também os rios *Piquiri*, *Taquari*, *Mbotetey*, as baías de *Mandioré* e *Gaíba*, bem como a serra de *Maracaju*, os rios *Anhanduy* e *Amambay* e o povo dos *Itatins*, todos topônimos guaranis em região limítrofe do pantanal mato-grossense.

29 SCHMIDT, Max. op. cit., p. 132.

30 AZARA, Felix de. op. cit. p. 298.

Tal seja, topônimos em língua guarani conseguindo subsistir em região alheia e diversa por séculos, tanto no pantanal, como em sua região limítrofe.

Existem dois fatores decisivos que nos supõe acreditar que os índios paiaguás e não os de outro povo, concorreram com esse topônimo, *Kyyaverá*, para denominar o rio Cuiabá: a perambulação fluvial e a agressividade bélica.

A perambulação fluvial

Como índios canoeiros, os Paiaguás viviam perambulando pelos rios da bacia do Paraguai. Praticamente moravam em suas canoas e chegaram a ser muito propriamente chamados de índios anfíbios³¹, em face de seu tipo de vida, seus costumes e seu cotidiano em perfeita simbiose com as águas. Os rios eram a sua própria vida.

Carlos Francisco Moura em seu trabalho sobre os Paiaguás, inseriu uma interessante ilustração representada por um mapa, a título de *figura n. 3*, onde verificamos a penetração desses índios pelos rios Paraguai e Cuiabá acima. No desenho apresentado fica clara a perambulação desses índios, chegando até mesmo muito próximo à vila de Cuiabá.

O engenheiro militar Ricardo Franco de Almeida Serra, assim afirmou em fins do século XVIII, com respeito à presença dos índios Paiaguás pelo rio Cuiabá acima, já na região adjacente ao morro do Melgaço:

*[...] colinas denominadas de Melgaço pelo estabelecimento que aqui houve deste nome, abandonado pelas muitas mortes que nele fizeram os índios paiaguás [...]*³².

31 MOURA, Carlos Francisco de. Os Paiaguás - Índios Anfíbios do Rio Paraguai. Suplemento dos *Anais Hidrográficos*, Rio de Janeiro: tomo XLI, 1984, separata.

32 SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Diário da diligência do reconhecimento do rio Paraguai. Apud CORREIA FILHO, Virgílio. *Pantaneis mato-grossenses – devassamento e ocupação*. Rio de Janeiro: IBGE, 1946, p. 56.

Max Schmidt, assim comentou sobre a intensa perambulação dos paiaguás pelos rios pantaneiros:

Ellos extendieron sus correrias en canoas que daban cabido a 40 indios hasta a Cuyabá al Norte y al Alto Tacuary al Este [...] ³³.

Uma outra informação foi também legada pelo capitão Francisco Rodrigues do Prado acerca dos Paiaguás. Esse militar por muito tempo serviu nas guarnições militares do baixo rio Paraguai e chegou a escrever um trabalho acerca dos índios guaicurús:

No ano de 1743 [os Paiaguás] chegaram ao reduto do Sapé, nas vizinhanças da vila do Cuyabá [...]. ³⁴

Inúmeras outras citações foram feitas mencionando as andanças desses índios no rio Cuiabá. Certamente essa perambulação paiaguá vinha sendo perpetrada desde tempos imemoriais. Porque tão somente após a penetração branca – européia/paulista - pelos pantanais, iriam eles começar a também adentrar por essa região? Obviamente subindo o Paraguai até o rio Cuiabá no século XVIII, deveriam seguir uma rota anteriormente navegada pelos seus ancestrais.

Esses dados ora inseridos vêm demonstrar que esses nomes foram levados para essas regiões de língua Bororo por índios de fala guarani em tempos imemoriais. E os que levaram esses topônimos, tiveram que viajar muito até chegar às partes mais setentrionais do pantanal do Xaraiés. Perambularam por léguas e léguas de cursos fluviais, em inúmeras e reiteradas viagens anuais de exploração e conquista, para conseguir impor seus topônimos em língua guarani, em regiões que lhes eram hostis, com fala, tradições e costumes diversos dos seus. Principalmente fazer com que os índios “dominados” adotassem essas denominações por eles impostas. Por isso, reafirmamos, os topônimos pelos

33 SCHMIDT, Max. *op. cit.*, p. 178.

34 PRADO, Francisco Rodrigues do. História dos índios cavaleiros ou da Nação Guaicurú. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: tomo I, 1839, p. 43-____.

Paiaguás inseridos em regiões distantes e estranhas, certamente levaram séculos para se instalar e ser assimilados por índios bororos.

Agressividade bélica

Os Paiaguás eram realmente os “donos” do pantanal e exercitaram e demonstraram o seu poder quando os bandeirantes, penetrando os rios pantaneiros com suas monções em viagem para as minas de Cuiabá, invadiram os seus domínios seculares. A história registrou a forma violenta com que reagiram ao invasor paulista, massacrando barbaramente um sem número de monções que navegavam pelos rios Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá, por várias décadas do século XVIII.

O historiador Carlos Francisco Moura, a propósito dos ataques dos índios Paiaguás, assim afirmou:

O Visconde de Beaurepaire-Rohan nos seus Anais de Mato Grosso relaciona 18 ataques dos Paiaguás às monções e colonos de Cuiabá: 1725, 1726, 1729, 1730, 1731, 1733, 1736, 1740, 1744 (dois), 1752, 1753 (dois), 1770, 1771, 1775 e 1786.

[...]

Segundo João Augusto Caldas, um estudo feito pelo governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, cifra em 4.000 o número de vítimas dos Paiaguás³⁵.

Pela sua valentia e agressividade, os Paiaguás eram respeitados até mesmo pelos brancos que buscavam os sertões navegando em monções pelos rios do vale do Paraguai. Esses combates foram registrados em praticamente todos os rios da bacia do alto Paraguai, com ênfase para os ataques no Porrudos, Paraguai-Mirim, Taquari, Cuiabá, furo do Axianés e no próprio rio Paraguai.

Valentes, aguerridos e implacáveis com os inimigos, eram temidos e respeitados pelos outros índios da região.

35 MOURA, Carlos Francisco. *op. cit.*, p. 420

Prevaleciam eles de sua audácia, agressividade, espírito bélico e coragem para surpreender e combater os demais povos da imensa região dos pantanais dos Xaraiés.

Talvez por respeito e medo, os Bororos, Guanás, Chanés, Chamacocos, Orejones, Xaraiés e outros, se não se submetiam totalmente a eles, ao menos procuravam não afrontá-los de todo. Em seus contatos de guerra e paz, esses índios se comunicavam com os Paiaguás em guarani, a “língua geral” do pantanal e de seu entorno. Assim, os Bororos poderiam perfeitamente ter adotado e mantido os topônimos guaranis batizados ancestralmente pelos Paiaguás, seus inimigos mais fortes e poderosos, mesmo que essas palavras não fizessem parte de seu vocabulário étnico e não fossem de seu uso cotidiano.

D. Felix de Azara, mencionou que os índios Paiaguás [...] *ponen temor a los bárbaros del Chaco* ³⁶. É uma incontestável afirmação de que realmente os povos do pantanal tinham medo da violência e agressividade dos Paiaguás.

Alfred Demersay registrou a esse respeito:

*A la guerre ils sont cruels et ne font de quartier qu'aux femmes et aux enfants. [...] Ils attaquent les indiens du Chaco en fondant sur eux a l'impreviste et s'efforcent de les surprendre.*³⁷

Ressaltamos que muitos desses ataques foram perpetrados já no curso do rio Cuiabá e até mesmo bem perto dessa vila, o que vem demonstrar, além da sua intensa e distante perambulação, a coragem e audácia desses índios. Assim mencionou o capitão Francisco Rodrigues do Prado:

Depois disto, logo no ano seguinte, chegaram os Paiaguás ao Arraial Velho, poucas léguas distantes da vila de Cuiabá [...] aonde, achando muita gente

36 AZARA, Félix de. *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaranies*. Montevideo: Museo Nacional, 1904, p. 365/6

37 DEMERSAY, Alfred. *op., cit.*, p. Trad. Na guerra eles são cruéis e não dão quartel às mulheres e às crianças. Eles atacam os índios do Chaco e caem sobre eles de improviso e se esforçam para os surpreender.

que estava fazendo pescaria, mataram a maior parte [...].³⁸

Temos ainda o testemunho do capitão espanhol Juan Francisco de Aguirre, em seu *Diário*, numa afirmativa peremptória de que os índios Paiaguás realmente excursionavam pelo rio Cuiabá e até mesmo pelo Jauru, registrou serem adversários terríveis quando lutavam nos rios, embarcados em suas canoas.

Registrou o capitão Aguirre:

*Como el Payaguá es indio que se adquiere una destreza maravillosa por el rio, en él, és enemigo terrible, todo lo andan desde el Jauru, Cuyabá y por el modo traicionero que observan se hacen de atención [...]*³⁹.

D. Felix de Azara ainda se referiu aos índios Paiaguás, mencionando as suas incursões predadoras até as proximidades de Cuiabá:

Los Payaguás corsários, bárbaros bien conocidos en la Provincia del Paraguay por los males que han causado, habitantes del rio de este nombre, se estienden hasta las vecindades de Cuyabá [...].⁴⁰

Dessa forma inferimos que, diante das descrições incontestes feitas pelo capitão Francisco Rodrigues do Prado, Juan Francisco de Aguirre e Felix de Azara, todos autores coloniais do século XVIII, os índios Paiaguás eram frequentadores, por esse século adentro, de grandes extensões pelo rio Cuiabá acima, onde combatiam os brancos que encontravam. Na realidade chegavam quase às proximidades da vila de Cuiabá. Que dirá em séculos anteriores quando não precisavam guerrear com os sertanistas paulistas, que vendiam caro as suas vidas.

38 PRADO, Francisco Rodrigues do. História dos índios cavaleiros ou da Nação Guaicurú. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: tomo I, 1839, p. 42.

39 AGUIRRE, Juan Francisco de Aguirre. *Diário del Capitan de Fragata Don Juan Francisco de Aguirre*. In: *Rev. de la Biblioteca Nacional*, Buenos Aires: Bibl. Nacional, tomo XIX, 1950, p. 92-_____.

40 AZARA, Felix. *Diário*. Apud GANDIA, Enrique de. *Historia del Gran Chaco*. Buenos Aires: Roldan, 1929, p. 62, nota de rodapé.

Pelo todo até aqui exposto, podemos efetivamente constatar a influência guarani nas regiões superiores do pantanal e, em especial, no vale do rio Cuiabá, via perambulação fluvial e agressividade dos Paiaguás. Essa atuação impôs e consolidou o uso de topônimos guaranis nessa região, como até hoje observados.

Adentravam em região Bororo em suas andanças fluviais, e se comunicavam somente em guarani com os índios por eles contatados, a língua comum falada no rio Paraguai e pantanal dos Xaraiés.

Daí a explicação plausível de se encontrar o topônimo guarani *Kyyaverá/Cuyaverá* em território geograficamente Bororo.

Concluimos, dessa forma, que não foram os Guanás, os Guatós, os Itatins, os índios de fala, dialeto ou influência guarani, que batizaram o rio Cuiabá com a denominação de *Kyyaverá*. Índios pacíficos como esses não conseguiriam impor seus topônimos em regiões que lhes eram estranhas e adversas, com língua estruturalmente bem diferente das suas.

Certamente isso foi obra dos índios Paiaguás, já que falavam o guarani ou mesmo um dialeto bem próximo dessa língua ou ainda com sua forte influência assimilada em função de casamentos e prisioneiros que faziam. Isso certamente os credenciou, sem dúvida, como os prováveis patrocinadores do topônimo do rio Cuiabá com o nome *Kyyaverá*, o rio da Lontra Brilhante.

Assim, como ficou demonstrado, a perambulação intensa pelos rios da bacia do Paraguai e a extrema agressividade bélica desses índios, que são as suas características mais marcantes e aparentes, permitem inferir essa conclusão.

O termo *Kyyaverá*, sem qualquer dúvida, pode ser creditado aos índios Paiaguás.

VI - Mapa com índios *Cuyaberás*

Como vimos, o padre Agustin Castañares possuía um mapa que ele mesmo mencionou em sua carta, [...] *según el mapa* [...] e que certamente deve ter levado consigo em algumas de suas viagens ou então, que teria servido como uma mera consulta em Assunção. Nesse mapa estava apontado e mencionado textualmente o *arroyo Cuyaverá*.

E que mapa seria este? Uma carta impressa ou um mero rascunho? Um traço rápido feito por algum espanhol ou jesuíta que já tivesse percorrido plagas pantaneiras, funcionando tão somente como base de orientação para o padre Castañares em suas expedições entre Assunção e as missões jesuíticas de Itatins e Chiquitos? Talvez jamais o saberemos. Mas a pista cartográfica foi fornecida.

O fato é que, se quisermos uma comprovação definitiva do nome *Cuyaverá*, não basta somente a citação histórica contida na carta do jesuíta Castañares. Mesmo vários outros registros documentais a respeito, que porventura futuras pesquisas vierem encontrar, seriam ainda insuficientes. Nos mapas, cartas, plantas ou desenhos é que haveremos também de procurar, se quisermos dar aporte científico e subsídio histórico correto a esse registro colonial jesuítico.

Nos mapas jesuítas e espanhóis da época da conquista ibérica nos séculos XVI e XVII, é que poderia ser encontrado o tal *arroyo Cuyaverá* ou então, informações escritas referentes a observações cartográficas, remetendo ao apontamento desse termo guarani.

Entendíamos que os conquistadores espanhóis talvez pudessem ter elaborado algum mapa da região dos Xaraiés, onde teriam alocado o rio *Cuyaverá*.

Na Mapoteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro, encontramos mapas jesuíticos e espanhóis que, desde o século XVII, apontam vários afluentes do rio Paraguai pela sua margem esquerda, sem nomear qualquer topônimo que os designassem.

Todavia, pesquisando especificamente a cartografia jesuítica dos séculos XVII e XVIII, encontramos um interes-

sante mapa, que totalmente elucida e sustenta a hipótese ora proposta.

No livro *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaranies*, de Don Felix de Azara⁴¹, inserido entre as páginas LXVIII e LXIX, encontramos um mapa denominado *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentibus novíssima descriptio [...]*⁴². Encontramos posteriormente um original do mesmo mapa depositado na Mapoteca do Itamaraty.

Examinando essa carta com bastante atenção, podemos observar na parte superior do rio Paraguai, bem ao lado do Lago dos Xaraiés e inscrita com todas as letras, a palavra *Cuyaberas*.

Obviamente o nome *Cuyaberas* mencionado no mapa é a mesma palavra *Cuyaverá*, objeto do presente estudo. Uma mera transposição fonética do “b” pelo “v”.

A propósito, podemos explicar essa figura de fonética, mencionando o padre P. Guevara, que assim registrou: *Oberá, cujo nombre significa resplendor, cacique de Paraná, é sin duda uno de los más famosos [...]*⁴³. Continuando, na mesma página, explicou o jesuíta em nota de rodapé, *28- Oberá, proviene de verá*, numa prova incontestada dessa transposição fonética do “b” pelo “v” apresentada no mencionado mapa. Assim, o *Cuyaverá* do padre Castañares é mesmo *Cuyabera* observado no mapa mencionado.

O mesmo foi desenhado pelo cartógrafo Matheo Seutter e editado no ano de 1700 em Nuremberg, Alemanha, portanto, ainda no século XVII.

41 AZARA, Félix de. *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaranies*. Montevideo: Museo Nacional, 1904, p. LXVIII/LXIX.

42 *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentibus novíssima descriptio post iteratas peregrinationes, et plures observationes Patrum Missionarium ejusdem Soc. Tum hujus Provinciae, cum et Peruanæ accuratissime delin a Matthæo Seuttero, Chalc. August. Admodum R. in Christo Patri suo P. Michaeli Angelo Tamburino Soc. Jesu præp. Generali XIV*. Nurnberg: 1700.

43 GUEVARA, P. História del Paraguay, rio de la Plata y Tucumán. In: *Coleção de Angelis*, Buenos Aires: Imprenta del Estado, v. I, 1836, p. 546

O mapa em si não possui data, mas ela é referida no Índice de Grabados do livro de Azara, em sua página 475, item IV.

O *Prólogo* dessa obra foi feita por um certo R.R. Schuller, que afirmou com relação à data do referido mapa:

*El [mapa] de los jesuitas, dedicado por esos PP. à su general Miguel Angelo Tamburini, que el doctor Martin de Moussy supone de 1726 y que d'Anville data de 1727. Tanto Moussy com d'Anville se equivocam. Este mapa fué grabado em Nürnberg (Baviera) en 1700 y no en Augsburg, como lo afirma de Moussy.*⁴⁴

Todavia, temos de ressaltar que Isa Adonias em seu trabalho *Imagens da Formação Territorial Brasileira*⁴⁵, reproduziu também o referido mapa com a anotação: *Editado pela primeira vez em 1726, teve a seguir novas publicações.* Por não citar a fonte aonde obteve tal data de 1726, preferimos ficar com a data de 1700, mencionada no livro de Azara (1904), por ser esta observação mais antiga que a de Adonias (1993) e, portanto, mais próxima no tempo e no espaço com as fontes coloniais paraguaias. Salientamos o fato de Azara ter escrito esse livro ainda no século XVIII, poucas décadas após a edição do mapa.

Um detalhe tornou importante e atraente esse mapa para nossos estudos e pesquisas. O fato de ter sido impresso em 1700 mostrou que o mesmo foi elaborado em data anterior à fundação de Cuiabá, ocorrida em 1719. Assim, dezenove anos antes de Pascoal Moreira Cabral descobrir as lavras do Coxipó e fundar o arraial cuiabano, um mapa de toda a região, hoje matogrossense, já estava sendo impresso na Alemanha!

Mas temos que ressaltar que a data de sua edição pouco importa para os objetivos deste trabalho, sendo de 1700,

44 SCHULLER, R.R. *Prólogo*. In: AZARA, Felix de. *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaranies*. Montevideo: Museo Nacional, 1904, p.LXVIII/LXIX. p. LXXVII.

45 ADONIAS, Isa. *Imagens da Formação Territorial Brasileira*. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1993, p. 330.

1726 ou 1730. O importante é o mapa ter sido editado na primeira metade do século XVIII e ali estar claramente apontado o termo Cuyaberas.

Pelo imenso título em latim verificamos que o mesmo foi desenhado a partir das informações de padres jesuítas, coligidas em suas peregrinações e várias observações, por décadas, efetuadas na região.

Sobre esse mapa, assim se manifestou Guillermo Furlong:

No vamos a ponderar los meritos verdaderamente eximios de esta preciosa carta geográfica; baste recordar que de ella se hicieron más de quince ediciones en casi todas las principales ciudades de la culta Europa y aun hoy en día sigue siendo una de las piezas más notables de la cartografía colonial. (FURLONG, 1922, p. 26).

Com as informações constantes em seu imenso título, concluímos que alguns *misioneros* tenham navegado realmente pelo rio Cuiabá ou, então, tiveram notícias minuciosas desse e de outros rios da região circunvizinha aos Xaraiés. Posteriormente, relataram ou rascunharam as informações obtidas, diretamente para o desenho, gravação e impressão final do mapa.

Provas de que jesuítas e conquistadores espanhóis navegaram o rio Paraguai e seus afluentes, não estão somente nas relações de viagens desse tempo ⁴⁶. Vários outros mapas dos séculos XVI e XVII mostram o mar dos Xaraiés, lagoas Gaíva e Mandioré, o rio Paraguai e, vale registrar como sumamente importante, inúmeros afluentes que entram em sua margem esquerda pelo lado leste. São inominados esses afluentes, mas certamente lá estão os rios Cuiabá,

46 Existem os trabalhos de Ulrich Schmidl, Domingo Martinez Irala, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, Antonio Rodrigues e de Hernando de la Ribera, todos do século XVI. Sobre os mesmos, ver: SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. Mato Grosso: Relações quinhentistas. In: *Revista Notícia Bibliográfica e Histórica*. Campinas: PUC, n.184, jan/mar 2002, p.11/8.

São Lourenço, Piquiri, Taquari, Negro, Miranda, Apa.⁴⁷ Os cursos dos rios ali desenhados em séculos anteriores e até com certa precisão locados, são provas do conhecimento fático de suas respectivas realidades. Tal seja, foram até lá, viram e confirmaram as suas existências. Se os conheciam tão bem, a ponto de tê-los registrado em mapas da época, deveriam ter tido notícias também de suas respectivas denominações. Isso é certo.

Mas devemos primeiramente analisar o conteúdo do mapa.

Basicamente, como o próprio título indica, trata-se de uma carta referente à Província da Companhia de Jesus no Paraguai e adjacências, abrangendo uma boa porção da América do Sul.

Possui um título principal, dois subtítulos e um quadro de legendas, os quais anotamos em tradução do latim para o português⁴⁸.

TÍTULO:

Novíssima descrição da Província do Paraguai da Sociedade de Jesus com as adjacências depois de reiteradas peregrinações e muitas observações dos Padres Missionários da mesma Sociedade tanto desta Província como da Peruana, acuradamente desenhado por Mateus Seutero, Augusto Cartógrafo

SUBTÍTULO:

A Província do Paraguai da Sociedade de Jesus dá, doa e dedica este quadro das terras cultivadas e irrigadas com o sangue de seus filhos ao Reverendo Padre Miguel Angelo Tamburino, XVI Prepósito Geral da Sociedade de Jesus como a seu Pai em Cristo

47 No mapa *Le Paraguay/ Tiré des Relations les plus Recentes/ Par G. Sanson Geographe ordinaire du Roi/ A Paris/ en Chez L'Arthemis/ 1668*. In: BAEZ, Cecilio. *Historia del Paraguay y Rio de la Plata*. Asunción: Comuneros, 1991, vê-se nitidamente 5 rios inominados, logo abaixo e a leste do *Lac Xarayes*, que deságuam no Paraguai. No mapa, *Paraguay o Prov. de la Plata* publicado por Jansonius em 1629, observa-se identicamente, 6 cursos d'água, também inominados, entrando no *Lago de los Xarayés* também de leste. Isso demonstra que os espanhóis, em meados do século XVII, tinham conhecimento fático desses afluentes do Paraguai a ponto os terem alocado nesses mapas mencionados.

48 Tradução do latim para o português efetuada pelo padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, Diretor do Seminário Arquiepiscopal do Cristo Rei, Várzea Grande, Estado de Mato Grosso.

SUBTÍTULO:

Isto que vês em qualquer direção (desdobra como uma terra mui ampla e que vastos rios com potência correm) é o lado da América, terra situada no Sul que o povo selvagem habita com o corpo todo nu. As poucas vilas são mantidas pelos nascidos de sangue espanhol que desaprenderam sua barbárie. Esta terra, aquecida pelo sagrado sangue derramado dos heróis, sente a vontade divina do seu agricultor. O povo selvagem veste pouco a pouco os costumes civilizados e os pescoços bárbaros se submetem ao jugo de Cristo. Ou o quadro pintado ensina com exemplos o quanto está firme o cultivo assíduo do novo campo pelo sangue derramado.

LEGENDA:

Parte Paraguaia da América do Sul

- Cidade na qual há Colégio da Sociedade de Jesus
- Lugar de Missão
- Missão destruída pelos bárbaros
- Linhas com pontos indicam a comunicação de uma Missão com outra

O próprio título em si já muito explica a respeito do mapa. Depois de muitas viagens e peregrinações e ainda de observações acuradas, coligidas por décadas por padres jesuítas, a Companhia de Jesus pôde auferir uma gama muito grande de informações a respeito da região sob seu controle espiritual. Com base nessas informações missionárias, os religiosos da Província Jesuítica do Paraguai, puderam repassá-las a Matheo Seutter, o cartógrafo alemão que desenhou e gravou o mapa.

Os jesuítas eram detentores de uma enorme quantidade de informações geográficas acerca de rotas de navegação, caminhos terrestres, rios, lagos, serras, montanhas, portos, cidades, vilas, missões religiosas e, em especial, povos indígenas.

Acerca da representação do mesmo, temos que ponderar por alguns pontos distintos.

Primeiramente salientamos a existência de uma desproporção das distâncias apontadas na carta, entre rios, lagoas, serras, vilas, cidades e regiões. Esses erros de distâncias

eram bastante comuns nos mapas de séculos anteriores, face aos insuficientes e poucos meios de observações astronômicas e geodésicas. As cartas geográficas somente começaram a mostrar certa precisão no século XIX, com o desenvolvimento de melhores instrumentos científicos.

Aponta grandes regiões da América do Sul: *Paraquaria*, *Guayrá*, *Ontiveros*, *Baures*, *Peruani Regnum*, *Chaco*, *Tucumania*, *Chiquitos*, *Uruguay*, *Chilensis Regni Pars*. São nomes de diversas regiões sul-americanas onde os jesuítas em muito atuaram, mantendo suas missões e, ainda, onde os próprios conquistadores espanhóis fundaram vilas e cidades. Apresenta claramente uma divisão nacional, designando o *Brasilia Pars*, mostrando que daí em diante o território seria português e não espanhol. Tampouco zona de influência jesuítica.

Temos a salientar que Seutter desenhou um mapa mostrando a cores algumas distintas regiões. A parte central do mapa, seguindo rio Paraguai acima, por ambas as margens, até o norte, na metade do lago dos Xaraiés, temos a região *Paraquaria*. Por essa carta e certamente pelo entendimento político e geográfico da época, a região dos *Cuyaberás* pertencia ao Paraguai. Assim, a região das futuras minas do Cuiabá, mesmo antes de serem descobertas pelos paulistas, já estavam totalmente inseridas em território espanhol.

Observamos ainda que o cartógrafo Seutter efetuou em tênue linha colorida, os limites das regiões que nominou. A linha divisória entre o *Paraquaria* e seus vizinhos *Uruguay*, *Guayrá* e o *Brasilia Pars*, estão desenhadas como limites secos, sempre inseridos nos divisores de águas entre bacias hidrográficas. Um cuidado muito especial do cartógrafo.

Uma importante região, que seria hoje pertencente a Mato Grosso, está lá bem especificada, *Xarayés*, mostrando o mapa nesse ponto um imenso lago, o atual pantanal mato-grossense. Logo abaixo, situa a lagoa *Mandioré*, nas margens do rio Paraguai.

Na carta temos também nomeados os grandes rios da região: *Rio de la Plata*, *R. Paraguay*, *R. Paraná*, *R. Uruguay*;

seguidos de nomes de cursos d'água de menor porte, como *R. Pilcomayo*, *R. Mbotetey*, *R. Taquary*, *R. Anhemby* e um sem número de outros rios apontados em toda a extensão do mesmo.

Percebemos com clareza um pequeno e importante detalhe, que influi diretamente no que pretendemos comprovar neste trabalho. A nomeação dos rios vem sempre precedida de um *R.* ou mesmo com a própria palavra por extenso, *Rio*.

Vemos ainda, a designação de algumas cidades: *C. de Assump.[ción]*, *C. de la S. Trinidad*, *P.[uerto] de Buenos Ayres*, *Colonna del Sacramento*, *Cochabamba*, *Montevideo*, *C. de las Corrientes*. O *C.* obviamente é abreviatura de *Ciudad* em espanhol.

Verificamos ainda algumas Missões Jesuíticas aí apontadas: *S. Joseph*, *S. Juan*, *S. Michael*, *S. Raphael*, *S. Borja*, *S. Nicolas* dentre outras.

Apesar de mostrar graficamente os desenhos de serras e montes, não estão consignados no mapa os respectivos nomes desse tipo específico de acidente geográfico.

Registra também grandes regiões produtoras de erva mate, designando-as de *Yerbales*.

Muito interessante é a linha representativa do Trópico de Capricórnio, deixando entrever o cuidado técnico do cartógrafo alemão, ao inserir esse importante traçado geodésico referencial em seu mapa. Uma tentativa secular de dar uma referência um pouco mais precisa à carta que produziu.

O Oceano Pacífico está alocado como *Mar del Zur*, não havendo qualquer referência sobre o Atlântico, apesar de uma pequena parte de seu litoral ali estar desenhado.

Na representação gráfica contida na legenda, vemos os rios, os pequenos desenhos das serras, as missões jesuíticas com uma casinha encimada por uma cruz e ainda uma grande quantidade de aldeias indígenas. Estas são representadas por uma sequência de pequenos triângulos indicando as aldeias ou tabas dos índios. O interessante, existem outras representações gráficas desenhadas por todo o mapa que não se encontram listadas na legenda.

Notamos o apontamento de *Xerez destructa*, numa clara alusão à vila de Santiago de Xerez, margens do rio Mbotetey, destruída pelos bandeirantes paulistas no século XVII, no ano de 1648 mais precisamente e nunca mais reocupada pelos espanhóis, que a abandonaram de vez.

O título, os subtítulos e a legenda estão inseridos dentro de espaços delimitados por desenhos, contendo belos arabescos que, juntamente com uma rosa-dos-ventos bem trabalhada, mostram o cuidado, o detalhamento e o refinamento introduzido no mapa pelo cartógrafo.

Na região dos Xarayés, especificamente, observamos várias aldeias ali representadas ainda com os seus antigos nomes, hoje totalmente desaparecidos: *Aropores*, *Cuchiponés*, *Cuchianés*, *Mbayas*, *Catuaras*, *Xaymes*, *Guarayos*, *Tubiguás*, *Arabirés*, entre talvez uma centena de povos indígenas que no mapa são mencionados.

Uma das tribos mais conhecidas e citadas na historiografia mato-grossense, os *Cuchiponés*⁴⁹, está no mapa localizada entre o lago dos Xarayés e uma cadeia de montanhas, certamente a Serra de Chapada. Esta serra se encontra visivelmente representada, mas sem qualquer denominação que a identifique com certeza e precisão. Vale mencionar que sempre a história mato-grossense teve em conta que o nome *Coxiponé* fora um apelido dado pelos bandeirantes paulistas à tribo de índios bororos que habitava o vale do rio Coxipó. Com essa referência cartográfica de 1700, perceberemos que não foram os paulistas os criadores desse nome, pois o mapa foi impresso em data anterior à chegada desses sertanistas na região de Cuiabá. Os jesuítas espanhóis já conheciam os índios Coxiponés com tal nomeação, bem antes dos bandeirantes fundadores da capital matogrossense.

Podemos efetuar uma instigante observação. Logo acima dos Xaraiés, notamos o apontamento de uns índios deno-

49 Essa nomeação dos índios Coxiponés demonstra que não foram os bandeirantes paulistas que deram esse apelido à tribo localizada no rio Coxipó como a história vem relatando. Portanto, bem antes dos bandeirantes paulistas, os índios Coxiponés já tinham essa particular denominação, pois que, na realidade, eram do povo Bororo.

minados *Garecis*. Pela sua localização geográfica, acima dos *Xaraiés*, concluímos que são eles os atuais índios *Parecis*. Isso vem demonstrar que os jesuítas mantiveram contato, ou mesmo uma confirmação muito forte da existência dessa tribo. Para isso tiveram que navegar o rio Paraguai até as suas cabeceiras e depois subir a pé o chapadão dos *Parecis* para contatar com esses índios. Realmente, esses sacerdotes espanhóis muito palmilharam o hoje território matogrossense, tentando contatar índios para evangelização e reconhecer prováveis riquezas para futura exploração por parte do reino de Espanha.

No meio desses povos indígenas grafados no mapa, claramente podemos ler o *Cuyaberas*, muito perto a um rio, com vários sinais gráficos representativos de aldeia bem abaixo desse nome.

O *Cuyaberas* como apontado no mapa, significa claramente uma aldeia de índios, inserida muito próxima do mar dos *Xarayés*. Deixamos claro que, se fosse rio *Cuyaberás*, haveria antes dessa palavra o *R.* ou *Rio*, como de resto se observa grafado no mapa quando da denominação dos cursos fluviais. Assim, temos que o cartógrafo alemão desenhou, mas não nominou o rio Cuiabá, tendo apenas apontado a existência da tribo de índios *Cuyaberás* em suas imediações.

A representação gráfica dos pequenos triângulos sob essa palavra, significando tribos, tabas ou aldeias de índios, realmente vem comprovar a existência dos índios *Cuyaverás* ou Cuiabás.

Queremos crer que não há como se refutar a informação registrada em um mapa com existência anterior à própria cidade de Cuiabá.

Portanto, estava certo Antonio Pires de Campos quando mencionou os índios Cuiabás em seu trabalho de 1728. Salientamos que inúmeros nomes de povos indígenas referenciados por ele em sua *Breve Notícia* [...], estão inseridos no mapa dos jesuítas de 1700. Porque Pires teria mentido ou inventado os índios Cuiabás? Se algumas outras tribos por ele mencionadas são apontadas nesse mapa, porque se

duvidar de sua afirmação logo com relação aos Cuiabás? No exemplar cartográfico ora estudado estão os índios *Cuyaberás*, mostrando a veracidade da afirmação primeira do bandeirante paulista. Realmente, Pires de Campos não inventou os Cuiabás que mencionou. Ele e outros pioneiros que se aventuraram pelo rio Cuiabá, realmente conheceram esses índios.

Os padres jesuítas, em suas viagens e observações pela região dos Xaraiés, ainda no século XVII, podem ter realmente contatado esses índios, que eles verificaram serem chamados de *Cuyaberás*. Se não tiveram um contato direto, o que achamos impossível não o terem feito, ao menos obtiveram notícias da existência dos mesmos habitando o vale do rio *Cuyaverá*. Disso não se tem como duvidar e, ainda, mostraram claramente que, para denominar a aldeia ou o rio, ou ambos, o topônimo *Cuyaverá/Cuyaberá* era usado nos fins do século XVII. Essas precisas informações repassaram ao alemão cartógrafo que desenhou o mapa para a impressão em cerca de 1700.

Com relação às informações extraídas do mapa, podemos inferir ainda algumas conclusões.

Os jesuítas do século XVII muito bem conheciam a região adjacente aos Xaraiés, o nosso atual pantanal, pois mantinham na região sul matogrossense a Missão Jesuítica dos Itatins. Também haviam já fundado as missões de Chiquitos e Moxos, localizadas em território situado no oriente boliviano. Faziam frequentes viagens pelos rios entre essas missões, ocorrendo desse modo um grande intercâmbio administrativo e religioso entre elas. Daí o conhecimento fático por parte dos jesuítas *misioneros* de toda a região adjacente ao pantanal. Tanto conheciam essa peculiar região que puderam mandar desenhar os Xaraiés em mapa editado no ano de 1700. Duas décadas antes do Cuiabá bandeirante havia o *Cuyaberás* apontado pelos jesuítas.

Não é improvável que algum jesuíta tenha subido o rio *Cuyaverá* em exploração missionária, como deveria ter feito com inúmeros outros cursos d'água da região e não

só seguindo o Paraguai, caminho natural dos Itatins para Chiquitos. A curiosidade natural dos homens pioneiros e o afã evangelizador dos jesuítas, poderia ter desviado alguns deles, já que nos séculos XVI e XVII subiam com frequência o rio Paraguai, levando-os a explorar os seus afluentes maiores. Vários cursos da margem esquerda do rio Paraguai, em missão de reconhecimento visando posterior evangelização, certamente foram penetrados pelos jesuítas. Daí as informações que obtiveram do rio e dos índios *Cuyaberás*.

Assim, podemos afirmar, foram precisas e escorreitas as informações prestadas pelos jesuítas ao alemão que desenhou e editou o mapa ora analisado.

Tínhamos indícios históricos desses índios através de relato bandeirante e, agora, temos um mapa que comprova de fato a sua existência no século XVII.

Puderam alguns não dar crédito nem se ater ao registro pioneiro de Pires de Campos, que inseriu os Cuiabás entre os povos indígenas por ele relacionados em 1728. Outros pesquisadores que propugnaram pelos índios Cuiabás, não foram bem analisados, interpretados e nem reconhecidos por suas conclusões favoráveis à existência histórica dessa tribo indígena.

Pelo decorrer dos séculos, os índios Cuiabás foram ignorados e mesmo refutados em sua realidade étnica por um bom número de pesquisadores. Foram confrontados e trocados por *gente caída*, *mulher corajosa*, *farinheiro*, *gente forte* e mesmo confundidos com a primária e infantil lenda do *cuiá-vai*. Abordaram a *sua existência muitíssimo hipotética* e afirmaram textualmente que *nunca existiram e isso está provado e comprovado*. Os etimologistas conseguiram transformar a real existência dos índios Cuiabás em esdrúxulos, conflitantes e confusos significados para essa palavra. Principalmente no século XX, quando a etimologia tentou se sobrepor à etnografia no tocante às pesquisas sobre a origem e o significado da palavra Cuiabá.

Mas o problema maior era explicar como a evidência da realidade dos índios Cuiabás, poderia ter persistido circu-

lando por séculos, resistindo incólume às investidas daquelas que os negavam. Seriam séculos de mentira? Sucessões de registros históricos falsos? E de mais a mais, porque tanta birra e implicância contra a existência desses índios?

Negavam a sua realidade pelo simples prazer de negar, mas sem qualquer embasamento etnográfico ou histórico para tal, nem motivo plausível para isso. Pudemos observar que alguns não aceitaram a sua existência, simplesmente para poder dar um mínimo de respaldo e crédito às suas interpretações etimológicas para o significado da palavra Cuiabá. Apenas por isso. Negaram a realidade secular desses índios tão somente para sustentar as respectivas propostas em torno do significado desse topônimo. Não há outro motivo para tamanha indisposição contra os mesmos.

Todavia, no correr das pesquisas que redundaram no presente trabalho, pudemos observar exatamente o contrário, pois os poucos registros etnográficos e históricos existentes e franqueados à disposição do pesquisador, se bem analisados, conduziam e reforçavam a tese da existência dessa tribo.

Porém, por ter um cunho mínimo de verdade ancestral, transmitida por gerações de pessoas, a “invenção” dos Cuiabás continuou circulando firme e forte pelo correr dos séculos, principalmente na capital matogrossense.

As pistas históricas estavam visíveis a qualquer um que se interessasse por esse estudo. Bastariam pesquisas mais profundas e isentas para se chegar a conclusões mais efetivas e não tão dispersas e disparatadas. Somente o fato de interpretações etimológicas terem concluído por vinte e quatro diferentes versões de seu significado, bastaria para robustecer a realidade dos índios Cuiabás, seja como nação, como tribo, como uma simples aldeia ou mesmo como mero apelido localizado.

Porém, aos etimologistas e historiadores que tanto negaram, desmentiram e desconjuraram a existência desses índios, diante das provas documentais e cartográficas ora oferecidas, resta agora aceitá-los como realidade étnica. Ou

então, cabe a esses filólogos refutar ou simplesmente ignorar o que está claramente apontado em mapa do século XVII, na correspondência de 1741 do padre Agustin Castañares e na interpretação etimológica do professor Basilides Fariña. Ou ainda, colocar de lado essas provas concretas e continuar menosprezando os índios Cuiabás, postulando pela sua [...] *existência muitíssimo hipotética*, como no passado chegou a afirmar Estêvão de Mendonça.

Poderão e deverão obviamente tentar, mas continuando a trilhar tão somente o caminho da etimologia, não provarão grande coisa para desautorizar a existência histórica dos índios Cuiabás, nem refutar o significado guarani de seu nome, a Lontra Brilhante.

De resto, cabe ainda explicar que, certamente, o mapa de 1700 de Matheo Seutter ora estudado não foi aquele utilizado por Castañares e mencionado em sua carta. O mapa de Castañares citava nominalmente o *Arroyo Cuyaverá* e o de Seuter não o fez. Este, apenas mencionou a tribo dos índios *Cuyaberás*. Do mesmo modo concluímos com relação aos mapas em seguida estudados.

VII - Outros mapas apontando os Índios Cuyaberás

Demonstramos uma prova incontestada do uso do topônimo *Cuyaverá*, inserida em mapa jesuítico do século XVII. Como analisamos, é um mapa alemão, desenhado pelo cartógrafo Matheo Seutter e impresso em Nuremberg em 1700.

No entanto, no decorrer das pesquisas, encontramos mais provas cartográficas nesse mesmo sentido, mostrando realmente o apontamento do *Cuyaverá* em cartografia colonial jesuítica. Outros mapas, desenhados a partir de informações oriundas das missões sul americanas tuteladas pela Companhia de Jesus, no século XVIII, continuaram a registrar o *Cuyaberás* como etnia indígena.

Algumas dessas peças cartográficas chegaram a ser reproduzidas em livros, mas tivemos o ensejo de encontrar todos esses mapas, devidamente depositados e bem conservados na Mapoteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro.

Vamos nos ater a mais três mapas coloniais encontrados.

1- [SEUTTER, Mattheo]. *Paraquariae Proviandiae Soc. Jesu cum adjacentib. novíssima descriptio post iterata peregrinationes & plures observationes Patrum Missionarum eiusdem Soc. Cum huius Provinciae, cum & Peruanæ accuratissime delineata anno 1722*. [Nuremberg]: 1722 (reimpressão de 1726) - 48 x 37,5 cm

De plano observamos, em subtítulo, a exata data da edição: *Província Paraquariae Soc. Jesu anno 1726*.

O mapa está depositado na Mapoteca do Itamaraty e catalogado sob n. EKE J 1218.

Foi oferecido ao Prepósito Geral da Companhia de Jesus, padre Miguel Ângelo Tamburini.

O alemão Mattheo Seutter em 1722 fez um novo desenho e gravação do mapa de 1700, sendo impresso novamente nessa data na Alemanha. Em 1726, o mesmo cartógrafo fez uma outra reimpressão, mas teve o cuidado de registrar essa data no subtítulo mencionado. Seu nome não está inscrito no mapa, mas registros bibliográficos dão a Mattheo Seutter a autoria do mesmo.

Comparando-se esse mapa de 1726 com o de 1700, vemos inúmeras modificações em seus apontamentos cartográficos, a começar pela disposição do título no corpo do mesmo. Os subtítulos estão inseridos em quadros bem diferenciados, com molduras e desenhos mais bem elaborados. As dimensões também são diferentes, sendo este ora analisado um pouco menor que a do mapa de 1700.

Em sua própria visualização geral, os mapas são bem diferentes um do outro, a começar que, o de 1726, ao contrário daquele de 1700, não tem as grandes regiões apresentadas a cores. Também no de 1726 não se nota a linha divisória colorida entre essas várias regiões.

Verificando-se mais atentamente, podemos notar também diferenças nos desenhos de rios, serras e ilhas, bem como nas letras de nomeação de topônimos os mais diversos encontrados por toda a extensão do mapa. Todas as letras dos textos são também ligeiramente modificadas em ambos os mapas.

O observador atento poderá reduzir as suas observações comparativas a um único ponto bem definido, o Xarayés, o atual pantanal mato-grossense, para melhor visualização e entendimento das modificações inseridas nesse mapa de 1726. Essa região está desenhada no quarto superior direito do mesmo. Tanto o formato do grande lago dos Xarayés como as ilhas nele inseridas, estão desenhadas de forma diferente. De forma idêntica observamos com relação aos rios que nele deságuam. A própria localização do *Cuyaberás* está ligeiramente deslocada.

Analisando com detalhes o mapa de 1726, vemos uma série de pequenas modificações realizadas em todos os quadrantes do mesmo. Uma constatação interessante, o quadro onde o cartógrafo deveria inserir a legenda com os seus pequenos desenhos, foi deixado em branco. Tal seja, este mapa não possui legenda explicativa dos sinais gráficos apontados no mesmo.

Mas em seu todo, o mapa da reimpressão de 1726, redesenhado em 1722 por Matheo Seutter, é uma peça sensivelmente melhorada do que os anteriores. Isto porque, já em 1722 o cartógrafo já tinha obtido novas informações dos jesuítas para aprimorar o mapa de 1700 e esses novos dados deram ensejo a um mais bem posto desenho e, conseqüentemente, melhor gravação e impressão.

Fica bem claro que, por décadas, Matheo Seutter foi paulatinamente aprimorando o mapa primeiro de 1700 até chegar neste que ora analisamos.

2- PETROSCHI, Johannes. *Paraquariae provinciae Soc. Jesu cum adjacentib. Novíssima descriptio post iterata oeregrinationes, & plures observationes Patrum Missionarium eiusdem Soc. Tum huius Provinciae cum & Peruanæ acuratissime delineata e emendata anno 1732*. Roma: 1732 - 58 x 49cm.

Inserindo a data de edição, registramos: *Provincia Paraquariae Soc. Jesu, anno 1732*.

O mapa está depositado na Mapoteca do Itamaraty e catalogado sob n. EKE J 3121

Esse mapa foi desenhado e gravado por Johannes Petroschi e editado em Roma, tendo o mesmo formato e a mesma apresentação do mapa de Seutter de 1726.

Foi oferecido ao Prepósito Geral da Companhia de Jesus, padre Franz Retz.

Percebemos claramente muitas diferenças em sua execução. Os desenhos de rios, serras e ilhas são diferentes daqueles encontrados nos mapas de Seutter, apesar das molduras dos quadros dos títulos e subtítulos serem quase idênticos.

Para melhor apreciarmos as modificações implementadas, podemos nos ater mais detidamente à região dos Xarayés. Vemos uma modificação muito grande no desenho de seu formato e de suas ilhas, bem como da posição dos rios que deságuam nesse hipotético lago. O mapa de 1726 apresenta 26 ilhas no local e no de 1732, apenas 5 ilhas são desenhadas.

Anotamos uma prova de que esse mapa de 1732 está mais aperfeiçoado que o de 1726, através do apontamento dos *Cuyaberás* com relação ao *Coxiponés*. No mais antigo, os índios Coxiponés estão abaixo dos *Cuyaberás* e no mapa de 1732, estão quase lado a lado. Isso certamente foi fruto de uma correção geográfica.

Outro ponto a registrar é a continuidade, por todos os mapas ora mencionados, do apontamento do local denominado de *C. Gerez destr.*, tal seja Cidade de Xerez destruída, a antiga *Xerez destructa* de Seutter, numa clara mostra do inconformismo com a perda de Santiago de Xerez, nas margens do rio Mbotetey, para os bandeirantes paulistas no século XVII.

O trópico de Capricórnio está mencionado, mas a sua imaginária linha representativa não foi desenhada.

Temos assim que Petroschi realmente corrigiu algumas falhas e imperfeições dos mapas desenhados por Seutter, mostrando que, no decorrer dos anos, obteve outras e novas informações. Esse aperfeiçoamento cartográfico redundou na elaboração de um mapa bem mais aprimorado e condi-

zente com a realidade geográfica da região sul americana nele representada.

Um detalhe interessante a anotar. No quadro de legenda, Petroschi desenhou três pequenos triângulos onde explicou: *Tuguria barbarorum*, aldeia de índios. Isso comprova a hipótese levantada quando, analisando o mapa de Seutter de 1700, inferimos que os pequenos triângulos ao lado do nome *Cuyaverás* eram a representação de aldeias indígenas.

Podemos ainda salientar que esse mapa de Petroschi de 1732 foi re-editado por Martin de Moussy e publicado em Paris em 1867 com o título *Carte du bassin de la Plate, dressée pour les missionnaires de la Compagnie de Jesus de la Province du Paraguay. Publiée a Rome em 1732*. É praticamente uma edição fac-similar do mapa de Petroschi de 1732, mas regravado e apresentado com um formato menor (49 x 38 cm).

Uma interessante observação. Esse mesmo mapa de Petroschi de 1732 foi reproduzido por Virgílio Correia Filho em seu livro *Pantanais Mato-grossenses – Devassamento e ocupação*, mas o historiador não atentou para o Cuyaberás ali apontado. (Correia Filho, 1946, p.40)

3- Anônimo. *Neueste Vorstellung und beschreibung der Gesellschaft Iesu zugehoeringen Provinz Paraguay mit den angraenzenden Laendern aus den Reise Geschichten und rielfaeltigen Beobachtung der P.P. Missionarien sowohl von diefer als auch der Peruanischen Provinz auf das genauste ausgezeichnet und verbsert. A. 1732. [Alemanha]: 1732 - 52,50 x 66 cm.*

No rodapé do mapa, o anônimo gravador refere que se baseou no mapa de Petroschi editado em Roma, pois registrou *Nach der Original der PPJJ gestoelnen durch Ioh. Petroschi in Rom*⁵⁰.

O mapa está depositado na Mapoteca do Itamaraty e catalogado sob n. EKE J 461.

Foi oferecido ao Prepósito Geral da Companhia de Jesus, padre Franz Retz.

50 Tradução: *De acordo com o desenho original de P.P.J.J. gravado por Johannes Petroschi em Roma* (Tradução do alemão feita por Peter Büttner, professor da UFMT).

Consideramos que o anônimo cartógrafo pôde até ter-se baseado no mapa de Petroschi, mas o seu trabalho é notadamente outra realidade cartográfica. Inicia pela apresentação de um mapa todo colorido, com desenhos mais bem elaborados e minuciosos.

Notamos a representação da linha divisória, a cores, entre as diferentes regiões, passando sempre pelo divisor de bacias hidrográficas.

Observamos que o mapa foi desenhado e gravado após a edição do mapa de Petroschi de 1732. Assim ele foi editado a partir desse ano, mas como foi baseado em mapa dessa data, esta foi inserida em função daquela peça cartográfica ter sido copiada e, por isso, a mesma foi também reproduzida e editada.

O título é muito semelhante ao do mapa de Seutter em suas edições posteriores, mas no presente mapa, foi totalmente escrito em alemão⁵¹. Nessa língua foram também escritos os textos alocados nos quadros, mas os nomes inseridos no corpo do mapa foram mantidos em latim, conforme o original de Petroschi.

Sob a legenda do *Tropicus Capricorni*, foi desenhada uma linha representativa dessa imaginária representação geodésica.

Os quadros com o título, um subtítulo e a legenda, têm formado e desenhos bem diferenciados dos mapas de Seutter e Petroschi.

No quadro das legendas estão ali representadas as igrejas, as missões, bem como as tribos indígenas. Inseriu dentro desse quadro uma representação de distâncias baseadas em milhas espanholas que, em outros mapas, estavam em pequeno quadro isolado.

Na parte que ora nos interessa, tal seja, as imediações do mar dos Xaraiés, temos a observar um formato inteira-

51 *Novíssima representação e Descrição da Província do Paraguai pertencente à Companhia de Jesus com as terras limítrofes, tirado das histórias das viagens e das variadas observações dos padres missionários, tanto desta como também da Província Peruana, desenhada de maneira exata e melhorada. 1732* (Tradução do alemão feita por Peter Büttner, professor da UFMT).

mente novo dessa região e com 17 “ilhas” nela inseridas. Anotamos também o apontamento dos índios *Cuyaberás* bem ao lado dos *Coxiponés*.

Assim, concluímos, o anônimo cartógrafo alemão produziu um mapa bem melhor que o do próprio Petroschi, a quem alega ter se baseado para realizar o seu trabalho.

-x-

Diante dessas robustas provas cartográficas, não há mais como duvidar ou opor qualquer resistência à tese do *Kyyaverá – Cuyaverá*.

O *Cuyaverá* referenciado pelo padre Castañares em sua carta de 1741, teve um suporte absolutamente insuspeito e digno de crédito, sendo apontado nos 4 mapas jesuítas coloniais que ora analisamos.

A preocupação com o registro por parte da Companhia de Jesus, certamente fez salvar o *Cuyaverá* de um inexorável esquecimento e perda de identidade no decorrer dos séculos que se seguiram. O apontamento cartográfico providenciado pelos jesuítas, salvou a memória das lontras que tinham o seu habitat no rio Cuiabá e deu vida, após quase dois séculos e meio de contradições e incertezas, aos índios Cuiabás.

Os incontáveis e diferentes significados propugnados por diversos autores no decorrer dos tempos, não conseguiram provas cartográficas para respaldar as suas propostas. Por isso, mantiveram-se tão somente no plano das ideias, não conseguindo nenhum aporte científico para se transformar em teses. Nem documentos, nem mapas coloniais.

Muito mais contundentes e eficientes do que registros documentais coloniais, em especial pela visualização da prova, os mapas jesuítas referidos não se constituíram apenas numa comprovação cartográfica de uma frase do padre Castañares.

Demonstraram essas cartas coloniais, independentemente de documentos, que realmente um dia existiram os índios *Cuyaverás* e que esse topônimo foi dado primeiro ao rio, depois aos índios e finalmente à vila cuiabana.

Isso ficou claro e de forma incontestável.

Conclusão

Vimos com muita clareza que as tentativas de mostrar o significado da palavra Cuiabá foram baseadas em uma determinada lenda, em exercícios de etimologia nunca assestados com a realidade histórica e ainda com a existência de uns certos índios Cuiabás ou *Cuyabases*.

A lenda do Cuia-vai, uma perfeita fábula infantil, por demais primária, não aponta para uma conclusão científica.

Por outro lado, temos que a etimologia deve ser avocada para se demonstrar o significado de uma palavra, conquanto provado previamente que um dia a mesma fora realmente usada. Não adianta tentar se fazer estudo etimológico ou a evolução semântica de uma palavra indígena, sendo que nunca se demonstrou que os índios designavam o local com aquela exata nomeação. Realmente, uma incongruência e uma lamentável perda de tempo.

Por isso, os etimologistas que estudaram o significado da palavra Cuiabá chegaram a inúmeras conclusões diferentes. Realmente, muitas interpretações distintas e até mesmo antagônicas, para uma única e simples palavra.

Assim, com o *Cuyaverá* ora apresentado, julgamos ter encontrado uma solução razoável e plausível.

A premissa do estudo está correta, pois a palavra tem o seu uso documentalmente comprovado. O padre Castañares a usou em carta oficial e o topônimo foi usado em mapas editados na Europa em 1700, 1726 e 1732. Essa palavra, *Cuyaverá*, portanto, seria cientificamente passível de ser analisada através estudos etimológicos, já que Cuiabá é comprovadamente dela derivada. Aí sim, o estudo estaria sendo aplicado sobre um termo que corresponde ao que se pesquisa e ao essencial objeto do presente trabalho. Como dissemos, primeiro a constatação histórica e documental do efetivo uso da palavra, depois, a análise etimológica para se saber o que ela significa.

O estudo etimológico dessa palavra guarani foi efetuado pelo professor Basilides Brites Fariña, que concluiu ser a

mesma originária de *Kyyaverá*, significando Lontra Brilhante em guarani.

Julgamos ter trilhado essa sequência lógica na construção deste presente trabalho.

Temos, portanto, um perfeito tripé de registros: a informação contida na carta do padre jesuíta Agustin Castañares; o estudo etimológico da palavra Cuyaverá efetuado pelo professor paraguaio e ainda a nomeação da tribo indígena dos *Cuyaberas*, apontada nos mapas referenciados.

Em se analisando esse conjunto de informações agora disponibilizado, efetivamente chegamos às conclusões que abaixo se seguem:

1^a - Os índios Paiaguás, de dialeto ou de aprendizado guarani, cujo território de ação abrangia o rio Cuia-bá, em suas perambulações por esse curso d'água, ao se depararem com uma grande quantidade de ariranhas e lontras, que em toda a sua extensão tinham o seu habitat, mergulhando e saindo à superfície da água com a sua pele brilhante e lustrosa, refletindo os raios luminosos de sol, o denominaram de rio *Kyyaverá*, tal seja, o rio da Lontra Brilhante. Isso, certamente, em tempos imemoriais;

2^a - Um povo indígena povoava toda a região do vale do rio *Kyyaverá* e adjacências e, por sua localização geográfica, eram eles certamente ancestrais dos atuais Bororos. As suas várias aldeias tinham diferentes designações, tendo em vista algumas peculiaridades étnicas estritamente locais. Uma delas se situava às margens e imediações desse curso d'água. Em razão de seus moradores utilizarem-se desse rio como seu principal meio de vida, foram nomeados de índios *Kyyaverás*;

3^a - Posteriormente, já por transposição fonética ocorrida séculos atrás, o rio e os índios *Kyyaverás* passaram a serem chamados de *Cuyaverás* e, como tal, eles foram conhecidos pelos jesuítas e pelos espanhóis desde o século XVI. Com esse nome ou na sua

forma próxima, *Cuyaberás*, essa tribo foi apontada em mapas jesuíticos dos séculos XVII e XVIII.;

4º- O termo *Cuyavá* surgiu de uma contração fonética da palavra guarani *Cuyaverá*, ocorrida no transcorrer dos tempos.

5ª- Quando os sertanistas paulistas chegaram à região, já encontraram o rio com a denominação de *Cuyavá/Cuyabá* e tiveram precisas informações ou conhecimento fático acerca de uns índios chamados de *Cuiabás*. Esses primeiros paulistas penetradores das Vacarias e Itatins ainda nos meados e fins do século XVII e os fundadores de *Cuiabá* no século seguinte, até mesmo poderiam ter contribuído com uma última transposição fonética, tal seja de *Cuyavá* para *Cuyabá*. Por isso, quando já no século XVIII descobriram as minas e fundaram o seu arraial pioneiro, os foram denominando de minas do *Cuiabá* e arraial do *Cuiabá*.

Assim, o rio *Kyyavera*, o rio da Lontra Brilhante dos índios *Paiaguás*, passou a referenciar e denominar também os índios *Cuyaberás*, de etnia *Bororo*, que habitavam nas suas margens. O *Cuyaberá/Cuyaverá* por evolução fonética tornou-se o *Cuyabá* bandeirante já no século XVIII. A cidade e o rio *Cuiabá* de hoje.

Dessa forma, com documentação colonial de 1741, os mapas jesuíticos dos séculos XVII e XVIII dando suporte histórico-cartográfico e ainda, respaldado pela análise etimológica levada a efeito pelo professor *Basilides Brites Fariña* em Assunção, julgamos ter efetuado a comprovação teórica da hipótese levantada.

Realmente o *Cuyaverá*, o rio da Lontra Brilhante guarani se transformou no *Cuiabá* bandeirante.

- 1º- *Kyyaverá*
- 2º- *Cuyaverá - Cuyaberá*
- 3º- *Cuyavá - Cuyabá*
- 4º- *Cuiabá*

Referências

- ADONIAS, Isa. *Imagens da Formação Territorial Brasileira*. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1993
- AGUIRRE, Juan Francisco. Diario del Capitán de Fragata Juan Francisco de Aguirre. *Revista de la Biblioteca Nacional*, Buenos Aires: Tomo XIX
- ALBISETTI, César. *Enciclopédia Bororo*. Campo Grande: Museu Dom Bosco, 1962, 3v.
- ANGLÉS Y GORTARI, Mathias. *Jesuitas en el Paraguay*. Assunção: Uribe y Cia, 1896
- AZARA, Felix de. *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaranies*. Montevideo: Museo Nacional, 1904
- AZARA, Felix de *Descripción e Historia del Paraguay y del rio de la Plata*. Madri: Imprenta de Sanchez, 1847, 2 v.
- AZARA, Felix. *Diário*. Apud GANDIA, Enrique de. *Historia del Gran Chaco*. Buenos Aires: Roldan, 1929.
- BAEZ, Cecílio. *Historia del Paraguay y Rio de la Plata*. Asunção: Comuneros, 1991.
- BANDEIRANTES no Paraguai – Século XVII*. São Paulo: Arquivo Público Municipal, 1949.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Vocabulário Tupi-Guarani Português*. São Paulo: Éfeta, 1998.
- BOGGIANI, Guido. *Os Caduveo*. São Paulo: Martins, 1945, p. 265.
- CAMPOS, Antonio Pires de Campos. Breve notícia que dá o Capitão Antonio Pires de Campos do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das Minas do Cuiabá e seu recôncavo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá: tomo 144, 1996.
- CHARLEVOIX, Pierre François-Xavier de. *Histoire du Paraguay*. Paris: Didot-Giffart-Nyon, 1757
- COLBACHINI, Antonio. *Grammatica della lingua dei Bororos-Orarimugudogue del Matto Grosso – Brasile*. Torino: Soc. Editrice Internazionale, [1917].
- COLBACHINI, Antonio; ALBISETI, César. *Os Bororos Orientais*. Rio de Janeiro/São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1942.

- CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: INL, 1969.
- CORREA FILHO, Virgílio. *Pantanaís Mato-grossenses*. Rio de Janeiro: IBGE, 1946.
- CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*, Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950/2, volume III, parte II.
- CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952
- COSTA, Maria de Fátima. *História de um País Inexistente – O pantanal entre os séculos XVI e XVII*. São Paulo: Kosmos, 1999, p. 210.
- COURTEVILLE, Roger de. *Le Mato-Grosso*. Paris: Payot, 1938.
- COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Região e raças selvagens do Brasil*. Rio de Janeiro: Pinheiro, 1874.
- DEMERSAY, Alfred. *Fragments d'un voyage au Paraguay – 1844-1847. Les indiens Payaguás*. Paris: Hachette, 1861.
- DEMONSTRAÇÃO dos diversos caminhos de que se servem os moradores de São Paulo para o Cuiabá e província dos Coxiponés. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo: v. I, 1922.
- DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. *Le Brésil ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*. Paris: Nepveu, 1822, v.III.
- EGUIA RUIZ, Constancio. *España y sus misioneros en los países del Plata*. Madri: Cultura Hispanica, 1953.
- FARIÑA, Basilides Brites. *História de la Cultura Guarani*. Asunción: Ysyry, 1988.
- FARIÑA, Basilides Brites. *Carta a Paulo Pitaluga Costa e Silva*, 1992
- FERRER, Diogo. Anua do Padre Diogo Ferrer para o Provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim – 21/08/1633. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim – (1596-1760)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952.
- FURLONG, Guillermo. *Los Jesuítas y la cultura rioplatense*. Montevideo: Urta y Curbelo, 1933

GANDIA, Enrique de. *Historia del Gran Chaco*. Buenos Aires: Roldan, 1929

GUEVARA, P. *História del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, (Coleção de Angelis, tomo I)

JUCÁ, Pedro Rocha. O nome Cuiabá corresponde a Pantanal mato-grossense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá: IHGMT, tomo CXXIX-CXXX, 1988

LOZANO, Pedro. *Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*. Buenos Aires, Imprenta Popular, 1874/5, 5v.

LUGONES, Leopoldo. *El Imperio Jesuitico*. Buenos Aires: Pucará, 1945.

MAGALHÃES, Basílio de. Vocabulário da língua Bororos-Coroados do Estado de Mato Grosso. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: IHGB, v.83, 1918.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Região e Raças Selvagens do Brasil*. Rio de Janeiro: Pinheiro & Cia, 1874.

MELLO, Raul Silveira de. *História do Forte de Coimbra*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1958/9/60/1, 4 v.

MOURA, Carlos Francisco. Os Paiaguás, “índios anfíbios” do rio Paraguai. *Anais Hidrográficos*, Rio de Janeiro: tomo XLI, 1984, separata.

PASTELLS, Pablo. *História de la Compañia de Jesus en la provincia del Paraguay*. Madrid: Suarez, 1915.

POMBO, Raimundo. O nome Cuiabá. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá: IHGMT, tomo CXXXI-CXXXII, 1989.

PRADO, Francisco Rodrigues do. História dos Índios Cavaleiros ou da Nação Guaicuru. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: IHGB, tomo I, 1839.

RELAÇÃO fornecida por Simão Bueno a um padre jesuíta sobre as minas do Cuiabá. In: CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950, Parte III, tomo II, p.115/26.

SÁ, José Barbosa de. *Relação das povoações do Cuiabá e*

Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos. Cuiabá: UFMT, 1975.

SCHMIDT, Max. Los Payaguá. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo: Museu Paulista, v. III, N.S., 1949.

SCHULLER, R.R. *Prólogo*. In: AZARA, Felix de. *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaranies*. Montevideo: Museo Nacional, 1904, p. LXVIII/LXIX. p. LXXVII.

SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Parecer sobre o aldeamento dos índios Aicurús e Guanás, com a descrição de seus usos, religião, estabilidade e costumes. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: v. VII, 1845.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. Ibitiraty – A Serra da Neblina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá: v. 59, 2001.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Cuyaverá-Cuiabá, a Lontra Brilhante*. Cuiabá: Carlini & Caniato. 2010.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e Silva. *O nome Cuiabá - Uma explicação ao menos plausível*. Diário de Cuiabá - 9 de abril de 1993, p. 4.

TROMBETTI, Alfredo. *La língua Bororos – Orarimugudogue – secondo i materiali pubblicati dalle Missioni Salesiane*. Torino: Soc. Editrice Internaziale, [1912].

VALÉRIO, Domingos Iglesias. *Rio Cuiabá – Considerações e análise de sua vida física*. Cuiabá: Casa Civil, 2003, p. 5 (mimeo).

Fontes cartográficas:

ANÔNIMO. *NEUSTE Vorstellung und beschreibung der Gesellschaft Iesu zugehoeringen Provinz Paraguay mit den angraenzenden Laendern aus den Reise Geschichten und rielfaeltigen Beobachtung der P.P. Missionarien sowohl von diefer als auch der Peruanischen Provinz auf das genauste ausgezeichnet und verbsert*. A. 1732. [Alemanha]: 1732.

ANÔNIMO. *Mapa da região das minas pelo bandeirante Simão Bueno, acrescentado por um jesuíta do Paraguai*

(c.1747). in: CORTESÃO, Jaime. O Tratado de Madrid. Brasília: Senado Federal, 2001, v. II, p. 132, anexo.

CRUZ CANO Y OLMEDILLA, Juan de la. *Mapa Geográfico da America Meridional*. Madrid, 1775, cópia em Londres: Bertan, 1799.

PETROSCHI, Johannes. *PARAQUARIAE provinciae Soc. Jesu cum adjacentib. Novíssima descriptio post iterata oeregrinationes, & plures observationes Patrum Missionarium eiusdem Soc. Tum huius Provinciae cum & Peruanae acuratissime delineata e emendata anno 1732*. Roma: 1732.

SEUTTER, Mattheo. *PARAQUARIAE Provinciae Soc. Jesu cum adjacentibus novíssima descriptio post iteratas peregrinationes, et plures observationes Patrum Missionarium ejusdem Soc. Tum hujus Provinciae, cum et Peruanae accuratissime delin. a Matthaeo Seuttero, Chalc. August.. Nuremberg: s.n. [1700]*.

[SEUTTER, Mattheo]. *PARAQUARIAE Proviandiae Soc. Jesu cum adjacentib. novíssima descriptio post iterata peregrinationes & plures observationes Patrum Missionarum eiusdem Soc. Cum huius Provinciae, cum & Peruanae accuratissime delineata anno 1722*. Nuremberg: 1722 (reimpressão de 1726).

SANSON, G. *Le Paraguay*. Paris: L'Arthemis, 1668.

JANSONIUS, Joannes. *Paraguay o Prov. de la Plata*. Amsterdam: 1629.